CASTRO
REBELLO
ANNO XXIV — N.º 37
Rio, 13 de Setembro 1930
PREÇO: 1$000
Fon-Fon

trabalhos domesticos causam, muitas vezes, dores de cabeça, das costas e abatimento geral.

Cafiaspirina

depressa annulla as consequencias do "surmenage", e restitue ao organismo o seu estado de saude normal.

Mesmo o organismo mais delicado pode tomar esse excellente preparado BAYER por ser elle absolutamente inoffensivo.

A CAFIASPIRINA *é recommendada contra dores de cabeça, dentes, ouvidos, dores nevralgicas e rheumaticas, resfriados, consequencias de noites passadas em claro, excessos alcoolicos, etc.*

BAYER

O Suicida

De ASTAROTH

SOB um largo chapéo de palha, tendo a tiracollo uma bolsa e na mão um sacco de filó azul, o dr. Carl Ploetzer, sabio entomologista e philosopho, procurava nas mattas da Tijuca os specimens de borboletas brasileiras que iriam augmentar o numero de victimas da curiosidade humana, nas vitrinas dos Museus da Allemanha.

Na caixinha que o sabio trazia á sua bolsa, muitas dellas já se achavam pregadas por alfinetes e o homem procurava completar a collecção de victimas, escolhendo criteriosamente.

Uma linda borboleta negra, rajada de cobalto, excitava o dr. Ploetzer, que, pacientemente, se mettia por entre ramos e cipós, na perseguição da cubiçada presa.

Afinal, ella foi pousar em um grosso tronco, onde espalmou as azas de sêda.

O dr. Ploetzer rodeou o tronco para poder apanhál-a, mas nisso viu que dois pés humanos lhe batiam no chapéo.

Olhou e recuou, horrorizado!

Pendurada em um galho, balouçava a carcassa de um homem, cujas carnes, em parte, haviam sido devoradas pelos urubús.

No chão havia um chapéo de palha meio apodrecida.

O dr. Ploetzer recuou, horrorizado, e ia retirar-se para dar parte á policia, do funebre encontro, quando reparou que da aba do paletó do morto pendia um papel.

Approximou-se e leu no papel …tado de um enveloppe:

"Para aquelle que me encontrar."

O entomologista retirou o enveloppe e, afastando-se, sentou-se em uma pedra; aberto o envolucro, o sabio encontrou algumas laudas de papel que nós vamos lêr com elle:

.. ..

"Não te importa o meu nome, nacionalidade, estado e profissão.

Si te mereço alguma coisa, pedirei que me faças dois favores — 1.º que me deixes apodrecer no lugar em que me achares; 2.º que leias até o fim o que aqui deixo escripto.

Fui rico, de excellente familia e fadado a uma vida feliz.

Nunca pensei na cobardia de um suicidio e sorri muitas vezes daquelles que, sob os mais variados e estranhos pretextos, cortaram voluntariamente o fio da vida, como eu mesmo o farei agora.

Levei uma vida despreoccupada e feliz; vida de homem rico, de homem invejado, de homem que jamais desejou sem possuir, de homem cujo divertimento era procurar realizar o que fosse julgado irrealizavel.

Conheci todos os recantos da terra, cruzei as aguas de todos os mares e vi as estrellas de todos os céos!

Respirei os ares de todos os climas e vi as gentes de todas as raças.

Subi ao pincaro gelado do Monte Branco e o meu "alpenstock" se enterrou nos flancos escarpados do Hymalaia; desci á fornalha comburente da cratéra do Chimborazo e vi ferver a lava na panella de pedra do Hekla.

Amei as mulheres côr de bronze da Arabia e as louras scandinavas da Noruega.

Cortei em trenó as *steppes* geladas da Siberia e no dorso de camellos atravessei o Sahára affrontando o sopro diabolico do "simoun" dos desertos; fui sacudido pelos temporaes do Oceano Indico e planei por cima dos pincaros alcantilados da Cordilheira dos Andes.

Esfreguei o meu nariz no dos "sóbas" da Negricia e comi carne de phóca com os esquimáus do Alaska.

Vi as mulheres mais esculpturaes da Europa e as Venus Calypigyas da Hottentotia.

Vi a guilhotina funccionar na capital do mundo civilizado e vi o supplicio dos Cem Pedaços na China dos Mandarins.

Vi tudo!

E conhecendo tudo, tendo tudo visto, tudo sentido, tudo gozado, faltava-me conhecer o desespero, a tristeza, a dôr, o soffrimento.

Mas como? Eu tinha o dinheiro, esse dinheiro que deveria afastar de mim tudo o quanto fosse indesejavel.

Um accidente fez-me surdo!

E eu, que ouvira o trinado de todas as aves, os accordes de todas as melodias, o murmurio dos regatos, o marulhar das cascatas, as phrases amorosas das mulheres de todas as raças, — eu fiquei, um dia, prohibido de ouvir o ronco furioso do mar tempestuoso, o ribombo do trovão, o dobre dos sinos, o troar dos canhões, os berros das locomotivas.

Sepultado vivo, cercado pelo silencio pavoroso e funebre das catacumbas e dos sarcophagos, morto ambulante no meio dos vivos, vendo, sentindo e sem ouvir, não mereci a compaixão dos vivos, ninguem avaliou o meu soffrimento, ninguem mediu a extensão da minha dôr!

Surdo!

(Conclue na pag. seguinte)

Espectro ambulante de quem todo o mundo se afasta, especie de lazaro a quem ninguem procura, figura taciturna, triste e lugubre de quem todos fogem.

Ente incommodo, a quem ninguem se dirige e de quem todos se esquecem.

Quaes os labios femininos que ousarão dizer o dôce "Eu te amo!" aos ouvidos obstruidos de um surdo?

Qual o ente que se ache satisfeito em conversar com um homem que exige que lhe gritem os segredos mais intimos?

Desse modo, por não ouvir, fica o surdo sentenciado á mudez.

Algemado ao silencio, elle vê os sorrisos e as gargalhadas.

Algemado á surdez, elle se sente acorrentado á Desconfiança e á Indifferença.

Não houve o aviso do perigo, o grito de soccorro, as exclamações de alegria nem os brados de dôr.

E mais desgraçado ainda, acaba por aprender a *ler* nos labios dos outros estas tres syllabas que para elle são tres chibatadas: "E' surdo!"

E ninguem se apiéda delle.

A surdez é como um ferrete, como um estigma infamante gravado na fronte de um innocente.

O cégo, o coxo, o estropiado, o paralytico merecem sempre um

O SUICIDA

(Conclusão)

pouco de compaixão; o surdo, não!

Elle é castigado pela molestia e porque a tem.

O dinheiro, a riqueza, nada valem para elle.

Ao cégo, o dinheiro dará um guia; ao coxo, um par de muletas; ao estropiado e ao paralytico, um meio qualquer de locomoção; ao surdo, nada.

Por dinheiro nenhum elle encontrará uma voz capaz de perfurar a muralha chineza que o isóla do som e do mundo.

Por isso, eu, que vivi sepultado na vida, resolvi ficar insepulto na morte; sepultado sem ter morrido e morto sem ser sepultado são coisas que se completarão.

Morro em silencio e no meio do silencio profundo da matta.

Tu, homem que, por accaso, encontraste os meus restos, lê e guarda o que te confesso e si em teu coração existe alguma fé religiosa, algum sentimento caridoso, algum resquicio de bondade, evita rir do surdo, evita que elle desconfie quando moves os labios e procura fingir que o não desprezas.

Assim, evitarás augmentar ainda mais o supplicio cruel de um desgraçado, supplicio esse que o grande poeta florentino, o divino Dante, esqueceu de incluir como o maior castigo ás almas condemnadas do inferno.

Vae e obrigado".

. . . .

Quando, no meio dos papeis velhos e alfarrabios que enchiam o gabinete do dr. Ploetzer, encontrámos as laudas traçadas pelo suicida, notamos que, no pé da ultima, havia a seguinte nota, escripta pelo sabio e philosopho allemão:

"Não existe no mundo a desgraça completa, nem a felicidade perfeita. Ao surdo resta a certeza de que não ouvirá as mentiras convencionaes com que nos cerca a humanidade nem as phrases aduladoras com que nos incensam os invertebrados moraes!"

ASTAROTH

EMOÇÃO

CONTO DE GILBERTO VEIGA

NA vida de cada homem, seja qual fôr a sua categoria social, ha sempre uma emoção forte, que deixa, para toda a vida, resaibos de intensa e profunda amargura, ou de doce e indelevel recordação.

O Tempo, o grande transformador das coisas, dos pensamentos e dos seres, com a sua natural successão de dias e noites, entorpece essa mesma emoção, a qual fica como uma miragem, no mais recondito da alma. E, assim como as cinzas attestam a voracidade das chammas extinctas, o homem, olhando para dentro de si mesmo, observa, surpreso e absorto, que a vertigem da vida, o borborinho dos grandes centros ou a paz de uma vida methodizada, as horas acamadas umas após outras, não lhe arrançaram a dolorosa historia, ou a triste reminiscencia...

Todo esforço para extrahil-a do coração é improficuo, como baldado se torna o carinho empregado para a sua conservação primitiva.

No decorrer da vida tudo se modifica e, plantada no coração, enraizada no cerebro, a emoção suprema, a que sobrepujou as outras emoções, adormece...

Um dia...

Uma mulher, uma flor, um perfume que passa, um lenço branco que acena ao longe, tudo traz a lembrança, a saudade ou a dôr do que se foi para sempre.

Uns, quando a emoção lhes abate o amor-proprio ou fere duramente o seu estado moral, procuram abafal-a, desastradamente, nos labios frios e transparentes das taças sem vida, nos leitos impuros dos bordeis, nas casas de liberdade illimitada, ao som de uma musica gritante, num ambiente cheirando a tabaco e vinho. Mas a grande magoa, superior, extravasa-se do alcool, paira sobre todos os fumos, e domina sempre!

Outros, sentindo o peito pulsar desabaladamente, impellidos pela Ventura, miraculosa deusa dos sonhos, têm a ingenuidade de agarrar-se, com todas as forças dos seus cerebros confusos de prazer, á sombra fugidia, que, escarnecendo, se vae aos poucos, deixando-lhes como recompensa, no amago do coração, a saudade bemdita do que passou... Feliz ainda se pode considerar o que conserva a lembrança dessa passagem doce.

Amarga é a dôr das recordações do muito que se soffreu.

As desillusões, as penas, as alegrias, aquellas que nos tocaram o espirito, não desapparecem jamais. Ficam assim á semelhança dos rochedos bravios, impassiveis ao latego furioso dos vendavaes: erguidas para sempre, para toda a vida...

Só a mão sinistra e fatal da Morte, niveladora, arrancará, com a propria existencia, a emoção enraizada...

NUVENS...

DE PEPE

ESTIVE lá, no alto, muito no alto... De lá, daquella altura toda, eu via tudo que por aqui passava... Possuia um throno, um throno muito lindo, branco, muito branco... Vaporoso, tinha elle, porém, qualquer coisa de terreno, porque me não era de todo desconhecido... Aquella especie de gaze que o envolvia, tão clara, devia ter fugido de alguma coisa da terra para o espaço, metamorphoseando-se...

Emfim, eu estava longe das perfidias, dos soffrimentos do homem... Gozava as delicias das alturas... E embora muito elevado, não me passava pela lembrança a mais vaga idéa de que podia morrer, cahindo de tão alto... Eu estava nas nuvens! Apesar de manter a mesma constituição physica, esqueci-me de que era da terra... Como lá eu fôra ter, não cogitei de indagar. Pensar em tal seria volver ao meu planeta, e eu estava tão alto, tinha tudo sob mim e podia fazer, de lá, tudo que bem quizesse... Quem me attingiria? Ninguem.

Podia ter praticado muita coisa util... Certo de meu valor, de meu poder, entretanto, só olhei para mim mesmo... para aquillo que era meu... para as coisas grandiosas...

E feliz, e vaidoso, e orgulhoso, percorri toda a esphera celeste, inebriado ante a immensidade e riqueza do Universo, vendo de mais perto tudo: os planetas "interiores" e "exteriores"; os cometas com a sua parte mais brilhante e densa, a sua "cabelleira" e o seu "rasto" luminoso; as constellações de Hercules e de Lebre; o Cruzeiro do Sul; a Via Lactea e a Cão de Caça Septentrional — emfim, o que eu já conhecia de descripção, de vista, quando na terra...

E quiz desvendar as duvidas que o homem tem do que por lá existe, os seus multiplos mysterios... quando, repentinamente, me senti menos firme... O meu throno, sobre um eixo imaginario como o da terra, perdeu o equilibrio... E rolei, rolei desesperadamente, angustiosamente, em uma velocidade incontida, louca... mas não senti a consequencia da quéda... Despertei. Sahi de um sonho, que é a consequencia da "distensão dos laços que ligam o espirito ao corpo", como dizem...

E, apesar de acordado, fiquei ainda, por algum tempo, "nas nuvens"...

Depois, ao fitar o céo tão bello, com manchas brancas, muito brancas, altas, muito altas, lembrei-me do meu "throno", com tristeza... e reflecti sobre os effeitos que têm por causa, muita vez, a Gloria, tão ephemera...

Jamais a ambicionei e, agora, muito menos, si pudesse ambicional-a... Aquella "gaze" limpida, que formava o meu "throno", é bem a Gloria da terra...

Nuvens, apenas, que adornam transitoriamente a illusão dos homens.

Por causa de uma mulher...

(Carlos Ramos)

TARDE de inverno.

Havia muitos dias que uma chuva monotona e fria desafiava a paciencia dos pobres mortaes. Naquella tarde, ella ainda ameaçava enveredar pela noite a dentro, a castigar os transeuntes audaciosos e a tamborilar nas vidraças das habitações dos mais prudentes e cautos, annunciando-lhes os rigores do inverno.

Impellido pela necessidade de attender a mistéres inadiaveis, também sahi á rua, tendo, antes, tido o cuidado de agazalhar-me convenientemente.

Ao chegar á avenida Rio Branco, observei que a noite já se aproximava, na sua ronda silenciosa e immutavel. A bella e empolgante illuminação não se fez esperar por muito tempo. Subito, o espectaculo inebriante das espheras luminosas veio alegrar-nos as physionomias e aquecer as nossas almas cançadas de contemplar o quadro lugubre e sombrio da estação hibernal.

Após ligeira palestra com um amigo, dirigi-me para a rua Gonçalves Dias. Sempre tive pela legendaria via publica especial sympathia e respeitoso culto pelas suas bellas tradições

A noite, a essa hora, entrava de assalto, parecendo trazer nas dobras do seu manto um pouco do frio das longinquas regiões polares. A passos lentos, puz-me a caminhar pela rua a fóra, observando as poucas pessôas que iam ou vinham apressadamente, indifferentes ás montras artisticamente arranjadas, que apresentavam os mais variados artigos, em meio a uma profusão de luz que contrastava com a tristeza ambiente.

Ao aproximar-me de uma loja de machinas falantes, verifiquei com alegria que faziam executar uma melodia suave, cujas notas eram familiares aos meus ouvidos. Sem difficuldade, pude identifical-a: era a "Serenata ao Luar", do immortal Beethoven. Não me contive ante a reproducção dessa joia musical do grande compositor e estaquei deante da loja de discos.

Entre as pessôas que alli se encontravam, pude notar um homem que demonstrava estar bem entrado em annos, tal era o acabrunhamento que revelavam as suas feições e a impiedosa devastação que o tempo lhe fizéra na miseravel carcassa.

O facto de estar aquelle ancião pobremente vestido, não trazendo siquér um leve agazalho, veio provocar-me a curiosidade, não sem despertar funda piedade pelo grave e esquisito personagem.

Perscrutando os traços daquelle rosto engelhado, observando aquelle olhar de canceira, conclui que não tinha a meu lado um typo vulgar de mendigo, desses que preferem pedinchar pelas ruas a se deixar ficar em um recolhimento de velhice valetudinaria. Tudo parecia denotar que elle tivéra, em dias preteritos, sorte menos adversa.

Sentimentalista como todo brasileiro, comecei a encher-me de interesse por aquella estranha figura de homem, que se deixava empolgar pela suave melodia que emanava da luxuosa caixa falante. A's vezes, tinha impetos de dirigir-lhe a palavra, mas, por escrupulo, desistia de tal intenção. Não houvesse eu vencido esse natural constrangimento, e, certamente, não teria conhecido a odysséa daquella infeliz creatura — pobre pária que a sorte inexoravel escolhêra para joguete de seus caprichos.

Com emoção e surpresa, vi rolarem-lhe pelas faces macilentas duas lagrimas discretas.

Perguntei-lhe, então:

— O senhor sente alguma coisa?

— Não, meu amigo, obrigado — respondeu-me amavelmente.

— Alguma doce recordação, não é verdade? — arrisquei, com visivel curiosidade.

— Adivinhou, meu amigo — redarguiu o velho. — Esta musica punge-me a alma de saudade de uma época remota, toda pontilhada de recordações indeleveis.

— Deve ser interessante a historia. Confesso que ouvil-a ria para mim grande prazer disse-lhe, com franqueza e nat lidade.

— Pois, meu amigo, si está mo disposto a perder seu tem vou contar-lh'o. Peço, porém, missão para não declinar o verdadeiro nome, o que não ha muitos e muitos annos — di olhando-me com um ar ente cido.

Após termos nos abrigado baixo de um vasto toldo de o meu interlocutor proseguiu:

— Ha quarenta annos, vivia nesta cidade, em pleno viço meus vinte e cinco annos, goza a fama de grande composito regente da maior orchestra do Brasil. Era, então, cebido com freneticos applau pela alta sociedade, cujos sal de requintado luxo se abriam par em par, transbordantes de para me receber.

Depois de uma curta pausa estranho personagem continu

— Lembro-me como si fóra ho Uma noite, em que a fina flôr sociedade carioca enchia litte mente o "Variedades" — o mel theatro da época — em um am ente de perfume e de belleza, uma orchestra de cento e cin nta professores. A ultima mu que fiz executar foi justamente que acabámos de ouvir nessa ctrola — a "Serenata ao Luar" Beethoven. Não imagina, amigo, os applausos que então coroaram e a profusão de flô que interceptaram os meus pas

Aqui, o rosto enrugado do p velho teve um vislumbre de gria, denunciando o enthusias que lhe invadia a alma. E, sem interromper:

— Minuto após aquella apoth se, apresentou-se na caixa do the tro uma linda creaturinha, que fôra comprimentar e hypothe a sua admiração á minha arte-

"Dá os Melhores Resultados na Confecção de Bôlos"

É o que dizem os peritos, sobre o Fermento Royal — feito á base de Crême de Tartaro

BÔLO DE CÔCO E FRUCTAS. — A receita d'este delicioso bôlo é uma das 350 que V. S. encontra no livro de Receitas Royal, brinde que não deve faltar em sua casa. Envie-nos o "coupon" abaixo.

O Crême de Tartaro, no Fermento Royal, é extrahido de uvas maduras e escolhidas.

É possivel conseguir-se que os bôlos feitos em casa sejam sempre optimos, mas é preciso usar Fermento Royal. Sómente assim, V. S. terá, todas as vezes, os melhores resultados.

Os peritos em culinaria são unanimes em affirmar que o Crême de Tartaro — base do Fermento Royal — melhora sempre as receitas, mesmo as mais perfeitas. Os medicos tambem endossam esta affirmação, quanto ao seu effeito salutar e nutritivo.

O dispendio em cada bôlo é minimo e sem Royal se arrisca o desperdicio de ingredientes caros. As bôas donas de casa o usam sempre. Exija o genuino Fermento Royal, á base de Crême de Tartaro.

ROYAL BAKING POWDER

M. BARBOSA NETTO & CIA.
Caixa Postal, 2938 - Rio
Queiram enviar-me um exemplar das "Receitas Culinarias Royal".

Nome ____________________

Rua ____________________

Cidade ____________________

E, com mais emoção:

— Coisa singular, meu amigo! Desde essa memoravel noite, sentime presa daquella adoravel creatura. E ella não menos de mim. Conversámos longamente, apesar do adeantado da hora, aquella noite. Tambem nos falámos nos dias que se seguiram. Dahi a tres mezes, ao som da sublime marcha de "Lohengrin", ouviamos, dos labios do sacerdote, as palavras sacramentaes do "conjugo vobis", que nos fizeram marido e mulher.

E o estranho desconhecido suspirou e fez um esforço para proseguir:

— Os primeiros annos de vida conjugal foram de indizivel felicidade para mim...

— E para a sua joven consorte — atalhei.

— Talvez o tenha sido nos primeiros mezes — emendou elle. — Ao cabo de tres annos, tive a ventura de ver o meu lar enriquecido de duas encantadoras crianças: um galante menino e uma encantadora menina. Considerava-me, então, o mais ditoso dos homens. Amava minha esposa com todas as forças do meu coração e idolatrava os meus filhinhos.

"Por esse tempo, comecei a notar que a minha companheira, pouco e pouco, se tornava indifferente a mim e á minha arte. Isso inquietava-me sobremodo. Pouco depois, vieram ter ás minhas mãos algumas cartas anonymas, avisando-me da infidelidade conjugal daquella que eu julgava incapaz do menor deslise. A' leitura de tão mysteriosa missiva,

Por causa de uma mulher...

(Conclusão)

rendia inflammar-se no meu peito todo um vulcão de odio e ciume.

"Resolvi, um dia, ter a prova do crime attribuido a minha mulher. Pretextei viagem, partindo, em uma risonha manhã de maio, sem que ninguem se apercebesse do meu ardiloso plano. Na noite desse mesmo dia, ás dez horas, regressei á casa ajudado pela escuridão da noite e pelo ambiente solitario que envolvia o meu solar.

"Ah! meu amigo, infelizmente tudo o que diziam as cartas era verdade! Surprehendi-os, ella e o amante, em pleno colloquio de amôr dentro da minha propria casa. Nesse momento, senti fugir-me a calma e perdi a razão. Não dei tempo a que se occultassem ou se defendessem, por isso que, de revolver em punho, dei ao gatilho duas vezes. Dois tiros certeiros prostraram sem vida a mulher adultera e o seu amante.

"Commettido o crime, apresseime em juntar alguns valores que se achavam guardados no cofre, e, sem ser percebido, abandonei aquelle sitio que tantos momentos felizes me havia proporcionado. Como um allucinado, fugi para muito longe, conseguindo, não sem grande difficuldade, evadir-me para o estrangeiro, cercando-me de todas as precauções para não ser descoberto. No exilio, supportei as mais duras provações, inclusive a saudade pungente que sentia dos meus filhinhos, que sabia nunca mais poder ver nem beijar. Envelheci prematuramente. A minha alma e o meu physico anniquilaram-se ao peso da adversidade e da desillusão."

O pobre homem fez uma pausa, e, retirando do bolso um lenço encardido, enxugou uma lagrima.

Depois, continuou:

— Trinta annos após esse triste acontecimento, não mais pude supportar a saudade do meu paiz. Angariei recursos e regressei a esta nossa grande cidade. Aqui aportando, meu primeiro pensamento foi o de entregar-me á justiça para receber o castigo do crime; mas lembrei-me de q... resurgimento da tragedia qu... esponja do tempo já havia ... gado, viria fatalmente empana... felicidade de meus filhos e ... que me julgam não mais perten... ao numero dos vivos, tanto ta... faz que daqui me ausentei. N... desejando macular o nome de... innocentes, tomei a resolução calar-me, occultando a todo mundo a minha identidade. H... vivo a perambular pelas ruas c... um desgraçado anonymo, colhe... aqui, ali, acolá, a esmola que caridade publica, espontaneame... me atira aos pés. As intempe... e privações de longos annos ... naram-me o organismo; hoje, um invalido e para nada m... sirvo.

E, em tom meditativo:

— Poucos dias de vida me ... tam, meu amigo, e, emquanto morte retarda, vou alimentand... corpo com uma códea e a a... com a doce recordação do pass...

O pobre homem silenciou, ... zendo menção de partir. Colloq... lhe na mão uma moeda, e, e... cionado, desejei-lhe bôas noi...

— Bôas noites, meu amigo. M... to obrigado — respondeu elle, c... com a voz entrecortada por soluço.

Puz-me a contemplar aque... espectro humano que, a passos certos e vagarosos, seguia afóra, indifferente ao frio e chuva impiedosa, vencendo c... resignação o ultimo cyclo de ... existencia repleta das mais a... bas desillusões.

E murmurei baixinho: "T... por causa de uma mulher!"

PREÇOS DAS ASSIGNATURAS:

No Rio e nos Estados

Anno .... 48$000

Semestre .... 25$000

Venda avulsa em todo o Brasil, 1$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

FON-FON

REVISTA SEMANAL ILLUSTRADA

Director: SERGIO SILVA

Redactor-chefe: Gustavo Barrozo

Thesoureiro: Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62

(Antiga Assembléa)

Telephones: Director: 2 - 0377 — Administração: 2-4136 — Caixa Postal 87

RIO DE JANEIRO

EMPREZA FON-FON e SELECTA S. A.

Representante em São Paulo: Empresa Americana de Publicidade, Ltd. Praça do Patriarcha, 8 - sob. Caixa do correio 1431.

Representante na Europa: E. Bourdet & Cia. 9, Rua Tronchet. Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill. Londres.

MARIETINHA (Bahia) — A 3.ª edição de *O Suave enlevo* não está esgotada. Si foi isso o que lhe disseram os livreiros dahi, a informação não foi segura. V. ex. encontrará o meu livro na Livraria Alves, á rua do Ouvidor, 166, para onde pode ser endereçado o seu pedido. Preço — 4$000. "Uma garçonne carioca" brevemente estará na rua.

LIBERO (S. Paulo) — Mas, a quem é dirigida a sua missiva *heifez*? Li-a, e não a pude entender. Em geral, quando se escreve a alguem, não se despreza a velha formula epistolar: "Fulano". Ou então: "Sr. Fulano", etc. etc. Mas a sua diz apenas: "A carta". Ora, ha de concordar v. ex. em que não ha nada mais vago...

MILONGUITA (S. Paulo) — Oh, como v. ex. é gentil. Quanto ao primeiro caso, devo dizer: tudo depende de sua vontade. A iniciativa não pode ser minha... Não é logico?

Relativamente ao *L'esperimento di Pott* de Pitigrilli, já houve uma linda paulista que m'o offereceu: *Mlle. Colie*, a dos "olhos côr de bronze". Não a conhece? No emtanto, eu lhe agradeço a lembrança amavel que teve. Cada vez me convenço mais de que as

mulheres são superiores aos homens — em tudo. E é por isso que falo mal dellas...

Não me fica bem escolher um livro que deseja offerecer-me. Direi, no emtanto, que gosto das impressões de viagens, historia, memorias, obras classicas, etc. Os romances não me interessam. Salvo si é um Zola, um Anatole, um Maeterlinck, um Bourget, um Pirandello, um Guido de Verona, etc.

A graphologia tambem me interessa. O autor pouco importa

MARIO NAZARETH (?) — Não me descomponha: mas o seu soneto não pode ser publicado. Mande outro melhor. Ou então, um trecho de prosa. Os prosadores aqui têm mais sorte do que os poetas. Sim, porque é raro apparecer um poeta digno desse nome. São mediocridades intoleraveis, irritantes que, no fim de contas, ainda nos insultam ou nos criticam, alvarmente, — afogados numa onda de despeito...

ONDA (S. Paulo) — Muito agradecido pela bôa vontade que teve. Mas *La litterature grecque et latine* de Piéron creio que só se encontra na França. Aqui no Rio tambem já a procurei sem resultado. "L'esperimento de Pott" de Pitigrilli já me foi offerecido pela senhorita Colie. Não é preciso ter o incommodo de adquiril-o. Assim, faria uma duplicata na minha modesta estante. Diga: posso eu lhe offerecer alguma coisa, em retribuição a tanta gentileza?

A sua photographia é encantadora. Não admira, uma vez que é paulista. E' muito jovem ainda. Typo de garota. Espero agora a outra, que me prometteu, ou então a sua proxima visita. Recommendações ao seu papae.

URZE SYLVESTRE (S. Paulo) — Ora, si assim é, porque tanto mysterio? Não ha razão para isso. Logo que me telephone, v. ex. verá que não sou tão severo como devo parecer. Ainda bem que v. ex. declara: "só tenho o prazer — que

confesso ser immenso — de conhecel-o atravez de alguns dos seus artigos literarios."

Portanto, não me pode julgar.

Telephone: 2-4136 — De 1 ás 5 da tarde, ás suas ordens.

Mas si v. ex. mora em S. Paulo, vae ter um grande dispendio com o seu telephonema...

E com esses tempos bicudos!

PAPILLON (S. Paulo) — Não, tenha paciencia! Desta vez as pedras vieram do seu lado, não partiram de cá.

Vejamos. V. ex. me escreve uma carta aggressiva para me dizer que um critico de sua terra — e que para mim é um illustre desconhecido — escreveu um artigo de louvor ao livro de um seu parente — noivo? esposo? irmão? — consagrando-o nas letras do paiz. Envia-me o recorte do jornal que insére a critica, e conclue que toda gente deve concordar com o que elle pensa do seu parente, eleito das velhas musas. Isso porque o critico anonymo escreve no jornal que é, a seu vêr, "a mais artistica, elegante folha diaria da capital artistica do Brasil": São Paulo, accrescento eu.

Sem *blague*, e sem "pedras", analysemos o caso: si o facto do critico desconhecido dizer que o seu noivo é um grande poeta, nos obriga a acceital-o como tal, — eu lhe peço licença para dizer que Carlos Dias Fernandes, Rosalina Coelho Lisbôa, o academico João Ribeiro e muita gente illustre, escreveu coisas encantadoras sobre "O Suave enlevo". Basta ler-lhe o *post facio* da 3.ª edição. E nem por isso eu deixo de ser um mediocre, na opinião de muita gente.

Inclusive v. ex. que, se não graphou, claramente, o seu pensamento a meu respeito, deve estar dizendo com os seus botões: "Esse Yves é um idiota, um mediocre, um imbecil, um despeitado, um sujeito que não leva a serio as admirações domesticas".

E não ha Carlos Dias Fernandes, nem João Ribeiro, nem jornaes ou revistas da capital da Republica que me salvem do seu juizo anniquilador...

Será por que não pertencem "á capital artistica do Brasil", ou porque não sou parente de *Papillon?*

PHEDRA (?) — Parece que só agora me comprehendeu. Arre! Já não era sem tempo! Por que demorou tanto a escrever o trecho final da sua missiva? Aquelle que se refere aos "olhos estrabicos"? Vamos! Desfaça a duvida, quanto antes! Vê que não sei esperar? Mas permitta que faça uma observação: si o esclarecimento dessa

SAIBAM TODOS...

(*Continuação*)

duvida — que lhe não mette medo, aliás — depende do acaso, ou por outra, não tem uma certa espontaneidade, é apenas o resultado de um capricho, e não envolve uma sympathia, e implica o testemunho de terceiros, — é melhor deixar que a "duvida" perdure.

Assim, não terei opportunidade de verificar *de visu* o que o P. de A. esclareceu, lucidamente, e com o que concordo em absoluto — accrescentando que esses caractéres me fascinam.

Confio na sua intelligencia, esperando que decifre essas "palavras cruzadas", que vão e voltam, e se cortam, no caminho, no sentido de uma cruz... de fé... e esperança... desprezando a caridade... que, em casos taes, não se admitte, e seria uma offensa...

Penso que ha certos factos que só devem ser resolvidos entre os interessados. A intervenção de estranhos prejudica o resto. Não lhe parece?

TATAIRA TAÓ (S. Paulo) — Perdão! Mas aqui só não têm res-

Aos nossos leitores. — *Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sòmente que sejam formuladas com clareza e logica.*

* * *

GRAPHOLOGIA — *condições indispensaveis para se obter um estudo graphologico: 1.º — Escrever sobre papel liso, de linho, vinte linhas, no minimo; 2.º — O assumpto deve ser o de uma carta commum, traçada em posição normal e com a graphia habitual; 3.º — A assignatura deve ser authentica, afim de que o estudo corresponda á verdade scientifica; 4.º — Sem preencher esses requisitos, nenhum consulente será attendido.*

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97

Telephone 2-4136

FON - FON — 13-9-930

Data da consulta ....

Nome do consulente ....

....

postas as cartas que estão classificadas nas seguintes alineas:

1.º — Quando são aggressivas e exigem uma resposta violenta e que só poderia ser dada pessoalmente, com uma bôa bengala de jacarandá ou com umas luvas de box de 10 onças;

2.º — Quando não são insultuosas, mas de tal modo pretensiosamente humoristicas, que nos forçam a responder de modo rude — o que nesta pagina é muito contramão...

3.º — Quando o missivista não se utiliza do endereço indicado: "Ao sr. Yves", etc. — e a correspondencia se extravia, mesmo quando chega á redacção, pois só vêm directamente á minha mesa si trazem a *adresse* indicada;

4.º — Quando o consulente escreve uma letra illegivel, faz um pedido absurdo, ou trata de um assumpto de caracter confidencial intimo, e que não interesse senão á minha pessôa.

Fóra desses casos, toda e qualquer correspondencia é bem recebida no *Saibam todos*. Mesmo porque é a isso que elle se propõe.

Ora, não sei o caso em que estava a sua missiva; mas é de prever que esteja em um desses casos.

E tanto isso é verdade, que agora lhe respondo, com a maior sympathia, sem mesmo pensar que me enviou dois lindos e luxuosos livros, dos quaes, por signal, já possuia um. Gostei de *La flute de jade*, que, aliás, já havia lido por emprestimo.

Muito obrigado por ambos.

Quanto ao seu poema em verso branco, deve elle ser publicado logo que haja espaço. E nisso veja apenas o seu merito; porque para o *Fon-Fon*, não é necessario *pistolão*: o que é imprescindivel é que o collaborador tenha talento, ou, pelo menos, saiba escrever com correcção. Pode, portanto, jurar que as descomposturas que levo e sáem publicadas nesta secção como prova de que não receio ataques, são o indicio mais claro de que o aggressor era um mediocre ou um despeitado.

E, agora — passe bem.

A. I. DA CONCEIÇÃO (?) — Infelizmente, não pude aproveitar os versos que chama de soneto.

DEMETRIUS (S. Paulo) — Ao ler o endereço da sua carta, na qual o sr. me chamava de — "cidadão", tive desejos de atiral-a á cesta. Porque a verdade é que implico com esses tratamentos burguezes: "Exmo. sr.", "Dr.", "Ao illustre poeta"... "Ao cidadão"... Francamente! Esses titulos me dão uma penosa idéa de vulgari-

Com a Kodak moderna é facil tirar photographias dentro de casa

Photographias ao ar livre, na sombra são agora tão simples como instantaneos ordinarios.

Em dias de chuva, a falta de sol não é impedimento.

O progresso da photographia para os amadores

A KODAK moderna representa tão grande progresso em apparelhos photographicos para amadores, que actualmente é facil tirar photographias que ha poucos annos era difficil ou mesmo impossivel tirar, como, por exemplo, photographias no interior da casa e instantaneos á sombra ou com a luz pouco favoravel.

As objectivas são melhores e por isso dão melhor resultado

Esse progresso tão importante é devido principalmente á fabricação de objectivas mais rapidas, isto é, que podem deixar passar mais luz. Tão importante como o progresso scientifico é o progresso industrial, e actualmente é possivel obter por metade do preço de ha trez annos uma Kodak com uma objectiva anastigmatica f.6.3 que além de dar mais opportunidades de tirar photographias dá resultado mais certo.

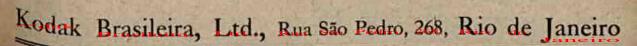
Maxima simplicidade

Outro melhoramento importante está na simplicidade de manobra. N'uma Kodak moderna quasi tudo é automatico e até mesmo o noviço sem experiencia alguma pode tirar boas photographias. Por exemplo, n'algumas Kodaks ha uma escala que indica claramente a exposição que se deve dar ao cliché conforme as differentes condições de luz.

Esta camara é a Kodak de Bolso No. 1A, que tira photographias de 6.5 x 11 cms.

Ver-se-ha pois que a Kodak moderna augmenta o raio de acção da machina photographica, permitte obter maior numero de photographias boas e dá mais prazer ao photographo amador.

Serviço de consulta

Com uma Kodak e Film Kodak é, por assim dizer, difficil não tirar photographias boas, mas o amador que deseje saber a causa dos seus insuccessos ou aperfeiçoar o seu trabalho, pode receber gratuitamente ensino por correspondencia dirigindo-se ao nosso Departamento de Consultas. Este serviço é completamente gratuito.

dade... E, como sabe — esta é contagiosa: — tenho medo della.

Prefiro que se diga, apenas: "Para Yves, rua tal, numero tanto". Sendo num tom de intimidade, não me fará pensar que alguem me suppõe um typo de vendeiro (*ao cidadão*), de commendador (*exmo. sr.*), de bacharel ignorante (*Dr.*), de poetastro suburbano (*ao illustre poeta*) nem tampouco de *coronel*...

Foi por isso que a sua carta me causou, exteriormente, má impressão. Abrindo-a, porém, constatei que o sr. era um cavalheiro brincalhão. E, só mesmo brincando, é que o sr. me poderia achar com geito de cidadão, commendador, "coronel", cavalheiro, ou "mavioso poeta", "intelligente jornalista", conforme já me chamou uma consulente muito bôasinha...

Bem. Vamos ao seu conto. O sr. escreve bem.

E como escreve sem confiar no seu proprio valor, assim como quem não liga aos proprios meritos, se torna uma creatura sympathica.

"Comparo um bom escriptor, que escreve com brilho, mas sem dar importancia ao seu trabalho, a esses *clowns* de circo que realizam acrobacias difficeis, mortificantes, penosas, porém "sans en avoir l'air", rindo alvarmente, e

SAIBAM TODOS...

(*Conclusão*)

proferindo piadas, o que realça mais o seu esforço e as suas piruetas, os seus pulos, as suas gymnasticas..."

(Entre parenthesis: esse trecho é do meu romance *Uma "garçonne" carioca*, mas aqui fica muito bem).

Finalmente: o seu conto vae ser publicado. Parabens.

ANTONIUS (Pernambuco) — Perdão! *Mea culpa!* Sei que commetti uma injustiça contra o sr. e outro contra o Jayme Sat'Iago. A mim, me contraria uma injustiça dessa ordem. Li apressadamente a sua carta e conclui que o sr. era um dos meus adversarios gratuitos — desses que vão para a cesta e me descompõem de mangas arregaçadas.

Dahi aquella anecdota do papagaio indiscreto.

Só agora percebi que o sr. desejava me pôr ao corrente do que dizem de mim, por ahi, esses potastros de provincia.

Mas, meu caro, eu não me posso zangar com essa gente. Nem julgue que ha mau humor, azedume nos commentarios que faço sobre ella.

Essas coisas são escriptas, aqui na redacção, entre a galhofa e os ditos dos companheiros. E' preciso que o sr. conheça o espirito blagueur do carioca, principalmente nos meios intellectuaes. Os nossos phytos da provincia dão uma grande importancia a todas essas "blagues" literarias. Discutem-n'as apoplecticos, irritados, como esses oradores inflammados pela demagogia das ruas. Mas, aqui, no Rio, nós não levamos a sério o desespero dos poetas ingratos, egoistas, que não agradecem a nossa condescendencia em fazel-os apparecer, e acham que devemos consideral-os genios das nossas letras.

Pobres poetas dagua doce! Aprendam o sol no poente, porque elle não os illumina sempre, — até mesmo na noite trevosa da obscuridade em que vivem.

De resto, si eu fôsse dar importancia aos ataques que os poetas da cesta me fazem, já estaria no hospicio.

Eu tenho certeza de que a mediocridade é injusta, é incoherente: si nós a applaudirmos, — teremos nella uma excellente amiga; si lhe regatearmos louvores, ella nos aggredirá.

YVES

MALGRÉ LE TEMPS
ÉTERNELLEMENT
JEUNE
30 ANS
40 ANS
20 ANS
10 ANS
LA REINE DES CRÈMES
FORMULE
EN PERPÉTUERA LE CHARME

DE CORPO PRESENTE

Do livro "Contos Breves", de Rafael Barrett

Traducção de
MARIA LACERDA DE MOURA

NA cama suja estava o corpo de d. Francisca, victima de quarenta annos de "pulchero" e de vassoura. Entravam e sahiam do quartinho as filhas chorosas. Crianças de todas as idades, quasi mulambentas, desgrenhadas, corriam atropelando-se. Uma velha acocorada passava as contas de um rosario entre os dedos nodósos. O ruido da cidade vinha como o rumor vago que sóbe de um abysmo, e a luz apagada, cem vezes diffusa por sobre paredes esburacadas, resvalava preguiçosamente pelos humildes moveis quebrados.

Seguindo o declive do soalho partido, escorriam liquidos duvidosos, aguas usadas. Uma mesa sem toalha, onde havia frascos de remedios misturados com pratos engordurados, oscillava aos passos das pessôas e parecia gemer. Tudo era desordem e miseria. D. Francisca, derrotada, jazia immovel.

Havia sido forte e corajosa. Cantára ao sol, lavando meias e camisas. Esfregára louça, garfos, colheres e facas, com grande algazarra domestica. Havia varrido victoriosamente. Triumphára na cozinha, ante as frigideiras trepidantes, dando bofetões nas crianças gulósas.

Concebêra e criára mulheres iguaes a elle, obstinadas e alegres. Succumbira, finalmente, porque as energias humanas são pouca cousa deante da natureza implacavel.

Nos ultimos tempos de sua vida, d. Francisca engordou e deitou bigóde. Um bigodito negro e lustroso, que dava ao riso da bôa mulher algo de falsamente terrivel e de carinhosamente marcial. Suas mãos vermelhas e gordalhonas, sans e curtidas, fizeram-se mais bruscas. Seu honrado entendimento tornou-se mais obtuso e mais pertinaz. E uma noite cahiu congestionada, como cáe um boi sob o golpe do malho. Durante os interminaveis dias que tardou a morrer, a costura foi abandonada, as filhas, aterrorizadas, não se occuparam mais senão em contemplar o rosto da agonizante e espiar os passos da morte.

As potencias escuras, inimigas do pobre, as malvadas que destiam, enxovalham e apodrecem, as infames pegajosas se apoderaram do lar e possuiram, gosando, o cadaver de d. Francisca.

AS horas, as monotonas horas, indifferentes, iguaes, iam chegando, umas atrás das outras e passavam pelo quartinho miseravel, passavam pelo cadaver de d. Francisca, e deixavam descer, por sobre aquella melancolia, a melancolia do occaso e a madeixa de sombras que ata ao somno e ao olvido. As crianças, fartas de brincar, foram adormecendo. As mulheres, sentadas pelos cantos, rezavam talvez. A velha, acocorada sempre, era, na penumbra, como outro cadaver, cujos olhos estivessem abertos.

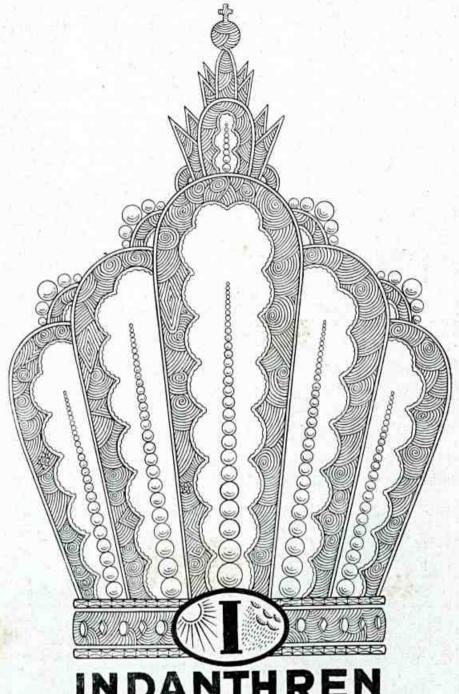
Uma das mulheres, por fim, se levantou e accendeu uma vela de cebo. Olhou depois a morta, e ficou attonita. Por baixo do nariz rombo de d. Francisca, a raia do bigode se accentuava. A longitude de cada pello duplicára-se, e alguns roçavam já as bochechas verdoengas da valorosa matrona.

— Aos homens costuma crescer a barba, murmurou a velha.

O silencio cobriu outra vez, como um sudario, a scena desolada. A chamma da vela agitava-se estranhamente, fazendo bailarem grupos de sombras pelas paredes do aposento. Encurvadas, oppressas, as mulheres dormitavam, confundindo suas frontes flacidas nas ondas da noite. As horas passavam, e o bigode de d. Francisca continuava crescendo.

Ás vezes, uma das filhas se vinha tambem, e examinava o rosto desfigurado de sua mãe como si observasse os espéctros de um pesadelo. As crianças, com adejos de passaros que sonham, estremeciam confusamente. A vela se consummia; na intumecida, horrivel d. Francisca, continuava crescendo aquelle bigode espantoso que, depois de morta, lhe transtornava o sexo.

Quando a alva livida e gelada deslisou pelo tugurio, e despertaram inteiriçados os infelizes, viram sobre a carne descomposta de d. Francisca, uns enormes bigodes cerdósos e desbotados que lhe davam um aspecto dos guilhotinados em figuras de céra.

Então, o menorzinho dos diabretes soltou a gargalhada, uma gargalhada louca que saltava a borbotões como de uma fonte selvagem, e a velha se descobriu tambem como animal ferido, e as mulheres não puderam mais e riram como quem uiva, e aquelles risos inextinguiveis, resoando nas entranhas da casa sórdida, provocavam sorrisos aos que passavam pela rua...

INDANTHREN

"CORÕA"

Significando o "optimo", o excellente", o "superior" tem toda a sua força de expressão tratando-se das famosas anilinas

INDANTHREN

Quem adquira systematicamente tecidos tintos com esses corantes, nunca terá decepções e aborrecimentos, porque elles nunca desbotam; mantêm sempre a côr de quando novos. As fazendas e fios tintos com *Indanthren* são de insuperada fixidez e resistencia á luz, á chuva, á transpiração e ás repetidas lavagens. Verifiquem se trazem a etiqueta.

Casas onde já se acham á venda tecidos tintos com corantes **Indanthren** *e marcados com a etiqueta de garantia.*

RIO DE JANEIRO: Armazens Brasil, Casa Allemã, Casa Nunes e Parc Royal.

SÃO PAULO: Casa Allemã e suas filiaes, Casa Lemcke e suas filiaes, Tapeçaria Germania, Tapeçaria Max, Tapeçaria Sul America e W. Dammenhain.

As côres têm sua historia

Os antigos conseguiram pintar quadros com tintas de tal modo preparadas, que o perpassar dos seculos não conseguiu tirar-lhes o brilho, nem esmaecer-lhes as tonalidades.

Os museus da Europa estão cheios dessas preciosidades que zombaram do poder destruidor do tempo.

Entretanto, processos identicos não conseguiram os nossos antepassados para a conservação das côres empregadas na tintura dos tecidos.

Essas côres, como todos sabem, eram productos vegetaes e animaes, e embora apresentassem magnificos aspectos, facilmente esmaeciam pela influencia da luz e da agua.

Mas os progressos da sciencia mudaram, no seculo passado, a face do planeta. A chimica conseguiu extrahir dos sub-productos do carvão de pedra, côres, odores e sabores, além de innumeras substancias medicinaes e desinfectantes.

Com a extração das côres, do alcatrão, fundou-se a industria das anilinas; surgiram os corantes organicos que desde logo dominaram os mercados universaes, pelo seu preço mais barato e pela variedade de tons que foi, com elles, possivel obter.

Mas esses corantes, se eram ricos em tonalidades, tinham o inconveniente de não serem indeleveis; uns mais que outros soffriam a acção da agua e da chuva; não se podia confiar em tecidos tintos.

Só no começo deste seculo, graças aos trabalhos do grande chimico René Bohn, foi possivel obter a substancia chimica que, sem attingir as qualidades intrinsecas de resistencia do fio, fizesse a côr incorporar-se a elle, de forma a "viver tanto como elle proprio"; em summa, foram descobertos os corantes "Indanthren", isto é, as anilinas fixas, resistentes á luz, ao calor, á agua, á humidade e ás lavagens com sabão.

Hoje encontram-se em toda parte tecidos de côres firmes, tecidos que não desbotam, e seria rematada loucura comprar fazendas tingidas com anilinas ordinarias, embora um pouco mais baratas.

"Quem compra barato compra duas vezes" diz um sabio proverbio.

SELENE.

Companhia de Navegação Lloyd Brasileiro

EXCURSÃO A MONTEVIDEO E' BUENOS AIRES

MAGNIFICA OPPORTUNIDADE PARA VISITAR AS LINDAS CAPITAES PLATINAS NOS EXCELLENTES NAVIOS:

"Alte Jaceguay"	10.000	toneladas de deslocamento
"Baependy"	11.089	" " "
"Campos Salles"	10.203	" " "
"Duque de Caxias"	7.461	" " "
"Santos"	10.203	" " "

Rs. 600$000 comprehendida a hospedagem no proprio paquete durante a permanencia nos diversos portos de escala, inclusive

7 DIAS E 6 NOITES EM BUENOS AIRES—3 DIAS NA IDA E 3 NA VOLTA EM MONTEVIDEO

RESERVAE SEM DEMORA A VOSSA PASSAGEM EM UM DOS CONFORTAVEIS PAQUETES DO "LLOYD BRASILEIRO".

Sahidas do Rio de Janeiro: **25 de Setembro "SANTOS" - 10 de Outubro "DUQUE DE CAXIAS" — 25 de Outubro "ALTE. J .CEGUAY"**

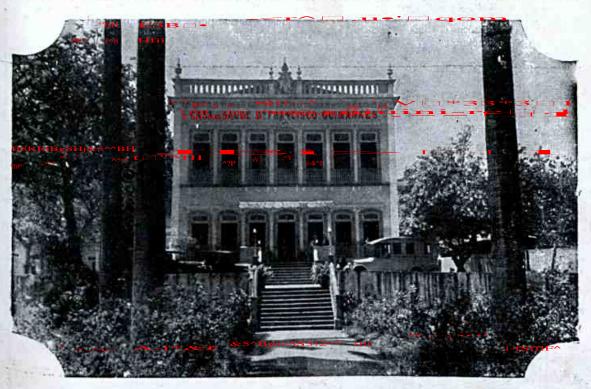
Secção de Passagens - 2/22 Rua do Rosario

Casa de Saude dr. Francisco Guimarães

ARISTIDES LOBO, 115
Telephone 8 — 3957

DIARIAS DESDE 15$000

:: A TRAGEDIA DO SETIMO DIA

Um conto de J. VIGNOLA MANSILLA

O dedo de aço marcava já dez horas quando eu entrei no escriptorio. Victorio Centurião, só, occupava já seu posto. Aquella mesa de trabalho dava a impressão de um retalho de planeta revolto por um abalo sismico... Tudo alli apparecia em desordem descommunal, geologica...

Como um jorro de agua fria, ao ver-me entrar, Victorio deixou escapar estas palavras:

— Chegas em má hora, velho!... Isto e o outro me têm revolucionado o cerebro...

— E' que eu preciso falar com o chefe, e a outra hora me seria impossivel... Por isso, venho antes da hora de entrada. O chefe é homem madrugador...

— Mas do que eu ninguem madruga! Desde as nove horas estou aqui... E com o dia que passei hontem!...

— Oh, que karma, que karma!...

— Si começas assim, com a karma, vaes atrazar-te no trabalho... Eu já te conheço...

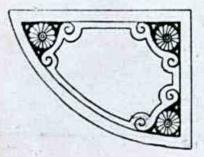
— Não crês que minha tragedia dominical poderia modificar-se e até dulcificar-se, substituindo o calendario gregoriano pelo azteca?

— Desconheço tua tragedia e o calendario azteca...

— Pois bem; com esse calendario se supprimiria nosso dia sétimo do descanso generico, meu karma e talvez milhões de karmas seriam influenciados favoravelmente...

— Impossivel! Bem sabes que para o bem e o mal essa lei é como uma roda de engrenagem. Então?

— Oh, por piedade! Nem siquer se póde theorizar nos momentos em que os dentes dessa roda mais profundamente se fazem sent r em nosso espirito e em nossa carne?

— Ah, si é assim, si se trata do bálsamo das divagações! — approvel, e não sei por que maldito residuo de monstro pre-historico ainda existe escondenjio de minha alma supra-sensivel... me alegrou o infernal humor com que, essa manhã, me esperava Victorio. — Pódes theorizar á tua vontade; bem sabes que até o batrachio tem o direito de crer que as estrellas que se reflectem na agua são os pharolezinhos que Deus lhe dá para que se porte bem...

— Eu, como teu batrachio, preciso divagar, theorizar, crer que alguma vez o calendario gregoriano voltará ás catacumbas e o azteca será posto em circulação. Assim teremos a semana de cinco dias, o mez de vinte dias e o anno de dezoito mezes.

— Não comprehendo o que se ganhará com isso...

— Uma enorme, uma maravilhosa conquista moderna: a quasi suppressão da tragedia do dia sétimo...

— Da tragedia, nesse caso...

— Como queiras, mas deixa-me theorizar. De cinco em cinco dias haveria festas, ou não haveria, mas então, sepultado nos archivos do tempo o dia setimo, minha mulher não enfermará como hontem deglutindo gelados e mordiscando pêras verdes. Porque, como minha mulher tem biblico conceito, um angelico conceito desse dia, e conhecendo sua psychologia simples, sei que continuará descansando, como até agora, os seis dias, para divertir-se e enfermar no sétimo, quando eu justamente estarei trabalhando neste escriptorio, suando como um escravo.

— Ainda não me acharas a nebulosa.

— Ah!, interessa-te minha tragedia do dia sétimo?

— Desde que não seja muito trágica...

— Escuta: como eu vivo em um desses edens que os judeus nos vendem a prestações, com moveis, tapetes e cozinha a gaz, muito cêdo deixo a cama com a disposição de escrever as tragedias que preciso collocar na praça com o fim de pagar christãmente aos pobres judeus. E aqui começa minha tragedia, a tragedia que me impossibilita de escrever as tragedias com as quaes defenderei meu eden, já que o meu ordenado vae quasi integralmente para o pharmaceutico...

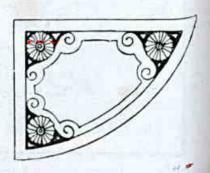
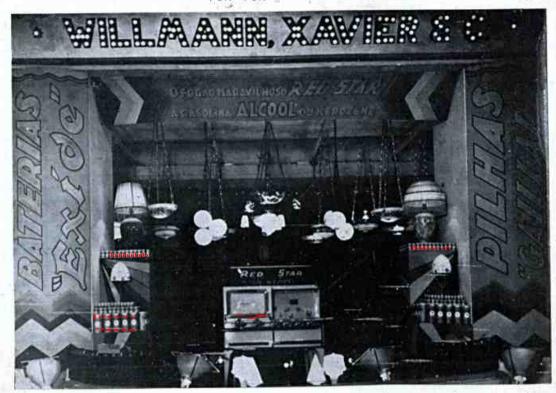
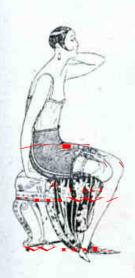
" — Como? Tambem hoje pensas escrever, Victorino? — pergunta-me, ansiosamente, minha mulher, assim que me vê com a penna na mão, adivinhando, naturalmente, minhas sinistras intenções de dedicar-me ás tragedias.

" — Tambem hoje, dizes? Acaso não faz já seis mezes que todos os domingos me proponho tragediar, e não o consigo? Hoje devo ganhar para comprar um terno novo, um par de sapatos, um chapéo.

"Sophia não oppõe reparo algum depois que eu lhe manifesto semelhantes razões. Manda o menino brincar na rua com o tricyclo: deixa-me só na saleta. Ella suspeita que preciso da soledade, do silencio, do ambiente propicio para dedicar-me com enthusiasmo ás minhas tragedias. Já em pleno silencio parabrahmánico, os personagens da ficção começam a revelar-se no celluloide mental, até adquirir vida mais concreta e independente. No momento culminante em que nosso eu se multiplica em todos os eus que intervêm na tragedia, pum!, abre-se a porta da saleta, com estrepito, e Sofia entra para pedir-me os phosphoros e queixar-se do rim fluctuante...

" — Mas, mulher de Deus, sem

Como nos bondes...

Abaixo, drogas cacetes!
No mundo dos sabonetes
Raiou deslumbrante sol!
Appareceu o bemdicto
Sabonete de Eucalypto
Denominado Eucalol!

Feira de Amostras

Como expressão de bom gosto, destaca-se o «stand» dos srs. Willmann, Xavier & C., estabelecidos á rua Uruguayana, n. 41, com apparelhos modernos de illuminação e artigos electricos em geral. Os srs. Willmann, Xavier & C., que vêm se especializando em installações electricas de apurado gosto, são os representantes exclusivos dos seguintes afamados productos: Fogão maravilhoso «Red Star», a gazolina, ALCOOL ou kerozene, o unico que funcciona sem pressão e sem pavio, e que resolveu de facto o problema da cozinha moderna. Pilhas e baterias seccas «Gaillard», para radio, lanternas, telephones, ignição, etc., que são o orgulho da industria nacional, e curtam menos e rendem mais que as outras marcas. Baterias «Exide», para automoveis, radio, illuminação de carros e todos os fins, producto de alta qualidade da maior fabrica do mundo.

:: A TRAGEDIA DO SETIMO DIA

(Conclusão)

pre me desvias o assumpto! Não me dizias que já não te incommodava esse rim?

— Victorio, tu te aborreces? Já não gostas de mim, Victorio.

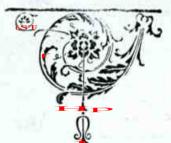
— Sofia, por favor, Sofia!...

— Ah, Victorio, outr'ora, quando me querias mais que a teus papeis, todos os domingos me levavas a algum logar!... Agora, entretanto, te encerras sózinho, aqui, como um fabricante de dynamites, e quando te falo em ir dar um passeio de bote, ver como dormem as serpentes do Zoologico, viajar no trenzinho da montanha russa ou tomar leite fresco, ou passar o dia sob a sombra das arvores, a primeira coisa que me dizes é que meus projectos de diversão te encantam, mas... que é preciso pensar nas muitas despesas e nas entradas limitadas.

— Sofia, por favor, não me julgues assim! Comprehende, mulher, as exigencias, a tyrannia da vida, o demonio das enfermidades sempre a nos espreitar!... Sofia, por favor, não tens tudo o que uma mulherzinha modesta e judiciosa póde desejar de um marido... *tragediante!* Até quando, até quando, Sofia?

"E adeus personagens ficticios da tragedia que se aduba a nosso paladar! Emquanto elles fogem, minha tragedia do domingo começou. Hontem, essa tragedia esteve na imminencia de alcançar contornos de hecatombe fluvial."

— De hecatombe fluvial?

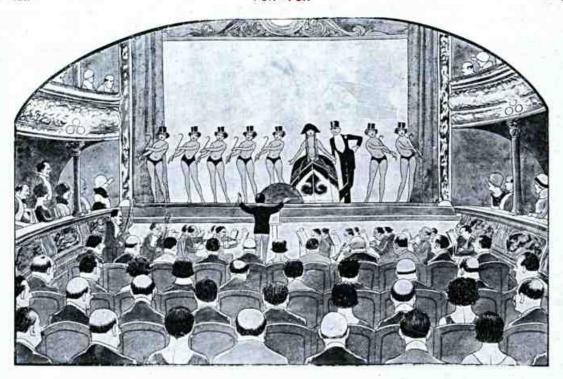
— Sim. Acontece que, até ha bastante tempo, Sofia me pedia que a levasse a conhecer esse mundo de agua e de verdor que são as ilhas do Delta. Sahimos do Tigre pela manhã bem cedo em uma lancha a naphta — "A Estrella V". O turco Jorge, que a conduzia, cantava canções da Arabia. Sofia cantava tambem. O menino vociferava como um demonio. Só eu não participava daquella alegria. Só eu me calava, pensando nas virgens tragedias, no terno novo, nos sapatos e no chapéo fugitivos... Atravessámos o rio com maré alta, opulento em paizagens felizes, em curvas surprehendentes... Mas Sofia vendo qualquer coisa que fluctuava, quiz apanhar... Possivelmente, não calculou bem a distancia, ou perdeu o equilibrio, o certo é que, em um instante de pesadelo, minha mulher cahiu nagua...

— E' possivel?

— Bem possivel!... Que espantosa confusão! Gritos de soccorro, o turco que muda bruscamente a direcção de "A Estrella V", com perigo de sossobrar. Eu já estou na agua nadando para o ponto onde se debatia Sofia, lutando desespevadamente com o elemento. O menino grita. Os tripulantes de uma draga proxima vêm a toda pressa em nosso auxilio. Tiram-nos das aguas e nos levam para bordo de "A Estrella V".

Nisso, sôa o telephone.

— Quem?... Ah! Sofia?... Já levantada? Mas mulher... Não importa, não importa. Quasi seria melhor que não fosses hoje á casa de calçados... Amanhã... Já tens quinze pares de sapatos... Eu trabalhando como um negro, filha...

Depois, exclama, desolado:

— Sim, velho, é preciso sepultar nos archivos do tempo o sétimo dia biblico e exhumar o calendario azteca... Porque é necessario mudar de tragedias...

Num Theatro 60 % São Calvos

Quando V. S. fôr a um theatro observe que 60 % dos espectadores são calvos.

A calvicie, em geral, provém do mau trato dos cabellos. Os cabellos são atacados constantemente por innumeras molestias parasitarias que devem ser combatidas.

A simples caspa que V. S. vê hoje no seu cabello, será com certeza a causa de sua futura calvicie.

TEME V. S. FICAR CALVO?

Si V. S. teme ficar calvo, si seu cabello está secco, quebradiço, cheio de caspa, caindo ou se já está calvo, prove hoje mesmo a famosa Loção Brilhante, que vence todas as enfermidades capillares, restaurando o vigor dos cabellos e alimentando as raizes debilitadas.

Livre-se do desgosto que póde causar-lhe a calvicie.

AFFECÇÕES DO CABELLO

Altas personalidades scientificas e varias Instituições Sanitarias recommendam a Loção Brilhante, devido á comprovada efficacia de seus elementos medicamentosos, para combater as eczemas, seborrhéa (tinha) e outras enfermidades do couro cabelludo.

A Loção Brilhante elimina esses males e tonifica a raiz capillar, fazendo com que o cabello volte a crescer exuberante, lindo e sedoso.

E' do dominio publico que a Loção Brilhante produz esta maravilhosa transformação em menos de um mez. Muitas pessôas que sabem dar valor a sua formosa cabelleira, conservam-na regularmente com Loção Brilhante.

PARA OS CABELLOS BRANCOS OU GRISALHOS

A Loção Brilhante devolve a côr natural aos cabellos brancos ou grisalhos. Não tinge o couro cabelludo, nem queima os cabellos, como succede com certos remedios que contêm colorantes causticos. E' absolutamente inoffensiva, podendo ser usada diariamente e por tempo indeterminado.

CUIDADO COM AS IMITAÇÕES. NÃO ACCEITEM NADA QUE SE DIGA SER "TÃO BOM" OU "A MESMA COISA". PODEM TER GRAVES PREJUIZOS POR CAUSA DOS SUBSTITUTOS.

A' venda em todas as Pharmacias, Drogarias e Perfumarias do Brasil e Republicas Sul Americanas. Não encontrando em seu fornecedor, corte o "coupon" abaixo e mande-o para nós, que immediatamente lhe remetteremos, pelo correio, um frasco desse afamado especifico capillar.

COUPON Srs. ALVIM & FREITAS — (F. - F.) Caixa 1379 — S. Paulo

Junto remetto-lhes um vale postal da quantia de réis 8$000, afim de que me seja enviado pelo correio um frasco de LOÇÃO BRILHANTE.

NOME ....
RUA ....
CIDADE ....
ESTADO ....

Exijam sempre

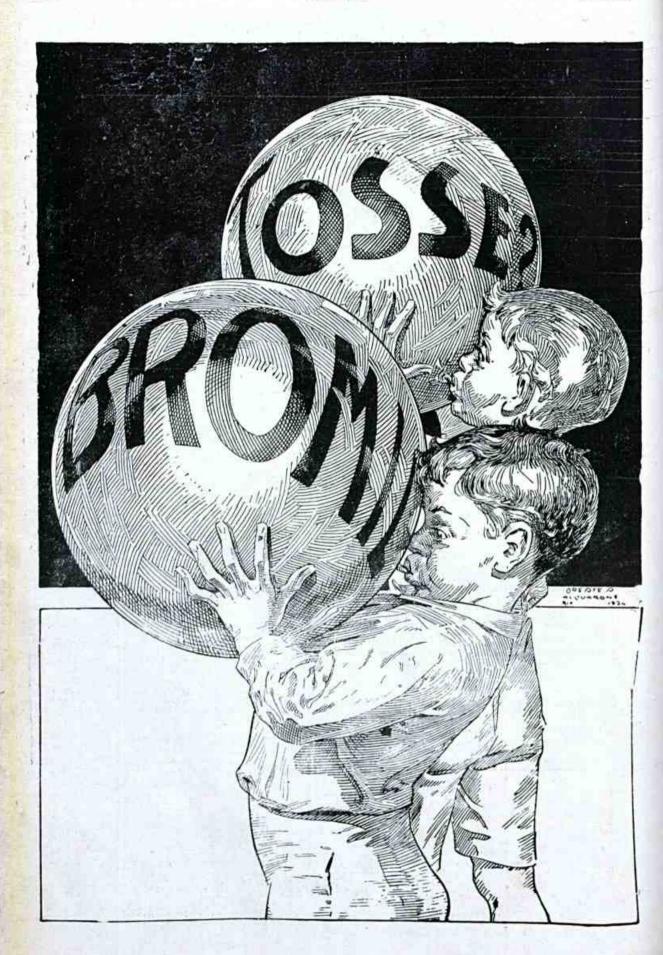
Formula scientifica do grande botanico dr. Ground, cujo segredo foi comprado por 200 contos de réis

TOSSES
BROMIL

ANNO XXIV

FON-FON

NUMERO 37

SERGIO SILVA, Director

Rio de Janeiro, 13 de Setembro de 1930

A GLORIA DE SER "MISS"

HOUVE uma época em que não se falava em rosas, que se não citasse o nome de Malherbe. Malherbe ou Saadi. Mas, sobretudo, o primeiro.

Por que? A resposta é muito simples: Malherbe, François Malherbe, foi o poeta que encontrou melhor similitude entre a vida de uma criança e a de uma rosa.

"Et rose, elle a vécu ce que vivent
[les roses
l'espace d'un matin"...

E só por isso, ou antes, só por causa dessa symbolização felicissima, elle se tornou o poeta das rosas lindas e ephemeras.

Eu, hoje — para falar das "misses" — peço que me deixem desencavar, do fundo do seculo XVII, esse fascinante poeta, que se gabou á princeza de Conti de haver escripto os mais bellos versos que existem.

Não sei si isso é verdade. E' possivel que sim. Malherbe era um cavalheiro vaidoso. Doentiamente vaidoso... E, dahi...

Mas, quando falei nos seus versos, foi pensando na relação que ha entre a gloria da belleza das rosas e a da belleza feminina.

As rosas e as "misses"!

"Sic transit gloria"... O resto não é preciso. Toda gente conhece a sombria verdade que se encerra nessa grave sentença.

Assistindo ao apogeu das "misses" deste anno, recordo, com melancolia, a gloria ephemera das "misses" de 1929.

Essas que hoje passam por ahi, como diria o poeta Hermeto Lima — o do famoso soneto — soberbas e triumphaes, embaixatrizes de mocidade e belleza, glorificadas por todos, não se devem esquecer do que diz o poeta Malherbe (perdôem a insistencia):

"... et rose, elle a vécu ce que vi-
[vent les roses
l'espace d'un matin"...

Sim, a gloria das "misses" sempre ha de durar um pouco mais: o espaço de alguns mezes, talvez mesmo um anno... Mas, amanhã, quando se fizer o certamen de 1931, ellas passarão apagadas, na multidão, sem a homenagem de um olhar, de um sorriso; sem o ruido das palmas, das festas — de todo esse programma de coisas invejaveis.

E, certamente, será com saudade e com uma ponta de amarga philosophia, que repetirão o conceito latino: "Sic transit gloria"...

* * *

Moças do meu paiz! Feias ou bonitas!

Meditae nesta verdade um tanto conselheiral — mas, em todo caso, opportuna: — a vossa belleza é a das vossas virtudes. As virtudes da mulher brasileira — inegualaveis na sua excelsitude.

Só dellas é que vos deveis orgulhar.

BASTOS PORTELA

Afim de apresentar á sociedade carioca a senhorita Zoica Dona, embaixatriz da belleza feminina de seu paiz no concurso internacional do Rio de Janeiro, o sr. encarregado de negocios da Rumania e senhora Achille Barcianu offereceram, quinta-feira penultima, uma recepção, na séde da legação rumena. São dois detalhes dessa festa diplomatica o que fixam as nossas photographias.

MELANCOLIA

E a phrase, que feriu de morte a minha sensibilidade, foi pronunciada por ti: "Você é tão fria"...

E, parece, depois disso, o ninho de amor e de peccado ficou mais frio ainda...

E tive a impressão de que o meu corpo, habituado á gelidez dos lençoes de neve, não poderia nunca sentir a carne morna de outro corpo...

Que os meus pensamentos, sempre justos e rectos, repelliriam o contacto de outros menos rigidos...

Que a minha bocca, saturada de philosophia, não saberia nunca corresponder á volupia de outra bocca...

Por que não vibro?

Porque, quando me offereces caricias de carne, eu tenho a alma de sentimental envolta em crepes tristes...

E, melancolicamente, sob a tristeza do entardecer côr de cinza, eu recordei o passado. Remember...

"Pour supporter le présent, nous avons besoin d'avoir les yeux sur le passé" — disse Vessiot.

E' por isso que eu, para amenizar este desencanto de tarde triste, recordo as paginas felizes que constituiram o mais bello romance que li.

Porque o frio está irritante.

Porque eu tenho saudades de ti...

Um acontecimento mundano d[e] requintada distincção foi o banquete de despedida com que o sr. ministro de Cuba e senhora Barnet y Vinageras homenagearam o sr. ministro das Relações Exteriores e senhora Octavio Mangabeira. Essa fidalga homenagem realizou-se no Hotel Gloria, nelle tomando parte quasi todo o corpo diplomatico estrangeiro acreditado junto ao nosso governo e figuras de destaque da alta sociedade carioca.

Saudades... Recordações... A palavra que nos feriu de morte...

O desconsolo...

E, de novo, o balsamo das recordações...

E, dentro da nostalgia da tarde em agonia, os meus lábios murmuram, docemente:

— Vem...

CONCHITA CID

Conferencia do sr. Jerôme Carcopino, professor da Sorbonne, na Academia Brasileira, sobre o thema — «A educação entre os romanos», realizada na quinta-feira, 4 do corrente. Vêem-se na photographia, além do conferencista, o nosso companheiro Gustavo Barrozo, presidente da Academia; Olegario Marianno, secretario geral; Adelmar Tavares, 1.º secretario; e Luiz Carlos, thesoureiro.

A MAIS BELLA

Este anno, o Rio experimentou as duas maiores emoções da sua vida de cidade civilizada.

Depois do espectaculo da chegada do Zeppelin, a parada das misses foi o espectaculo mais empolgante que fez vibrar o carioca, arrastando a população, em massa, para as ruas.

Em casa, só ficaram os doentes e os desanimados.

Aquelles que se encontravam tolhidos no leito e os que não acreditam na Belleza, fonte miraculosa de energia, força creadora de todas as coisas.

O cortejo das misses teve o poder de electrizar as massas, agitando-as, conduzindo-as para a delirante embriaguez de um espectaculo novo.

O cortejo triumphal teve os seus passos tolhidos, porque o povo, como na Grécia antiga, quiz, de perto, extasiar os olhos na contemplação da plástica das mulheres que se apresentaram como eleitas dos povos e raças diversas da terra.

O céo azul emprestava a sua graça aos encantos da cidade que sorria tonta de luz.

E, victoriosa, a graça das mulheres emergia do oceano humano, pairando acima das nossas cabeças, numa apotheose á alegria, á própria Vida.

Não era a reproducção do cortejo da belleza consagrada pelo paganismo dos antigos. Mas a consagração da belleza hodierna, da belleza satanica das mulheres dos nossos dias.

E a graça da mulher brasileira, a graça dos tropicos, sahiu victoriosa, triumphando sem esforço sobre as demais.

A corôa de rosas de Miss Universo cingiu a fronte da mulher brasileira como homenagem legitima, justa e sincera á belleza das filhas dos paizes, creaturas que trazem a alma de velludo nos olhos, grandes olhos sonhadores, olhos abysmaes...

A cidade futil viveu o mais feliz dia da sua vida de gloriosa mocidade.

Marion

O «Western World», que na penultima quinta-feira fundeou no nosso porto, trouxe, entre os seus passageiros, os membros das delegações sul-americanas ao Terceiro Congresso de Turismo, que tiveram festiva recepção nesta capital, como pode documentar a presente photographia, tomada no caes da praça Mauá.

Sob a presidencia do sr. ministro da Viação, dr. Victor Konder, installou-se, sabbado á noite, no grande salão do Automovel Club, o Terceiro Congresso Sul-Americano de Turismo, cujos trabalhos funccionarão até o dia 17 do corrente, conforme o programma organizado pelo Touring Club do Brasil e distribuido em agosto pelo presidente e secretarios da commissão executiva do importante certamen internacional, respectivamente, drs. Christovam de Camargo, Nelson Pinto e Edgard Chagas Doria. Nessa assembléa, orientada pela «Federación Sud-Americana de Turismo», com séde em Buenos Aires, serão discutidos os problemas turisticos que de mais perto interessam ao desenvolvimento economico dos paizes na mesma representados. A sessão de abertura do Congresso de Turismo teve a presença das altas autoridades brasileiras, membros do corpo diplomatico estrangeiro, figuras representativas da nossa sociedade, intellectuaes, scientistas, jornalistas, etc. Houve quatro oradores: o ministro Victor Konder, o dr. Christovam de Camargo, o dr. Cerqueira Lima e o deputado Julio C. Borda, tendo este ultimo fallado em nome das delegações estrangeiras. Estão nesta pagina dois aspectos da solennidade.

FILIGRANAS

Este anno o mundo civilizado celebra a gloria de dois grandes poetas da latinidade: Mistral e Virgilio. Completa-se um centenario do nascimento do aedo da Provença, do descendente dos troveiros e trovadores. E' o bimillenario do mantuano, que foi, segundo Chaignet, *le plus érudit des poëtes, et l'un des hommes les plus érudits d'une époque d'érudition...* Todos os homens de espirito commemoram a grandeza intellectual dos dois vates sublimes, esquecidos de quem era ministro em França, quando Mistral publicou *Mireio* e de quem era consul em Roma, quando appareceram as Georgicas, como diria Dumas...

"Miss Grecia"

«Miss Grecia» não é somente a embaixatriz da belleza da patria dos hellenos; não é somente uma linda mulher; é tambem uma dama illustrada, uma mulher de cultura, de grande scintillação. Na magestade do seu physico formoso, ligado á estirpe daquellas bellezas immortaes, que povoam a Grecia de Thais, de Phrynéa e de Aspasia, rutila a belleza de um espirito culto e fascinante. «Miss Grecia» realizou, no theatro João Caetano, uma conferencia, que versou o suggestivo thema: «De como, sob os auspicios da arte, a Grecia moderna reencontra a sua filiação espiritual com a Grecia antiga». O nosso illustre companheiro Gustavo Barrozo, presidente da Academia de Letras, foi quem apresentou ao publico a formosa conferencista. O brilhante discurso de Gustavo Barrozo é o que damos abaixo, na integra.

"A Grecia foi — como disse Gedoyn, no seu prefacio de Pauzanias, em 1796 — a morada das Musas, o domicilio das sciencias, o centro do bom gosto e o theatro de infinitas maravilhas. Berço de heroes e de sabios, de legisladores e de artistas, mau grado os millenios decorridos, os diletantismos e utilitarismos da epoca presente, ainda exerce sobre os espiritos irresistivel seducção. Santa Hellade, como exclamava Hesiodo, toda belleza e toda harmonia, aninhada á sombra meridional do monte Olympo, construiu, tirando elementos basicos de Mycena, do Egypto e da Phenicia, a civilização que gerou directamente a grandeza predominante da Europa. No recúo do tempo, é o pharol que primeiro alumiou o caminho aos emigrantes da Arya longinqua. Foi ella que repelliu primeiro as invasões barbaras da Asia e inaugurou a cultura occidental.

Tudo alli contribuiu para esse maravilhoso resultado: natureza medida, encantadora, incomparavel limpidez da atmosphera e o homem, "nesse meio, livre, excitado, enthusiasta, num theatro em que tudo parecia simples, chegou pela força da fé e pela impetuosidade dos impulsos a realizar seu sonho."

A Grecia — sonho de alta civilização plenamente realizado como jamais o foi em outra qualquer parte — é a Grecia eterna que se altêa na nossa imaginação. Que importam, depois desse esplendor, as desgraças e miserias dum destino cruel até sua libertação moderna?

Filhos mais moços da civilização que ella inaugurou debruçada dos recortes de suas falesias sobre o azul do mar Egeu, recebemos com sorrisos e flores a embaixatriz gentil que nos manda e que traz, na sua magnifica belleza os cânones sagrados da harmonia antiga — a graça pura na simplicidade.

Seu espirito de escól, afeiçoado pela moderna educação grega, de que é nobre paradigma, vai dar-nos a prova de seu alto valor, rememorando aqui a grandeza sem par do grande santuario nacional de Delphos, onde outrora a Pythia famosa discernia entre os nevoeiros do futuro o destino dos reis e o fim dos imperios. Então, Phebo — Apollo semeava a Attica com as suas settas de ouro e os Cresos distantes votavam-lhe oblatas preciosas. Nas cryptas do templo, processavam-se os mysterios das sagradas iniciações e da sua escadaria portentosa, castigados pelo raio, os gaulezes invasores recuavam em panico. Escavando os entulhos millenares que submergem o santuario, os technicos da Escola Franceza de Athenas chegaram a uma conclusão interessante, que Homolle regista no seu livro Fouilles de Delphes e que Perdrizet e René Dussaud confirmam: sob o santuario grego, ha restos dum templo myceniano, pré-hellenico, e sob este alguns vestigios, infelizmente poucos, duma civilização ainda mais antiga...

Mas, rediviva por um milagre dos deuses, a propria voz da belleza grega vai contar-vos todas as maravilhas de Delphos. Escutae "Miss Grecia", que é como a sua patria immortal — toda belleza e toda harmonia.

O sr. ministro Ramos Montero homenageou a sua linda patricia senhorita Alicia Gomez («Miss Uruguay»), offerecendo-lhe uma recepção na séde da legação do Uruguay, quinta-feira penultima, á tarde. Foi uma reunião de requintada elegancia.

VERDADE

Por Maria de Senna Pereira

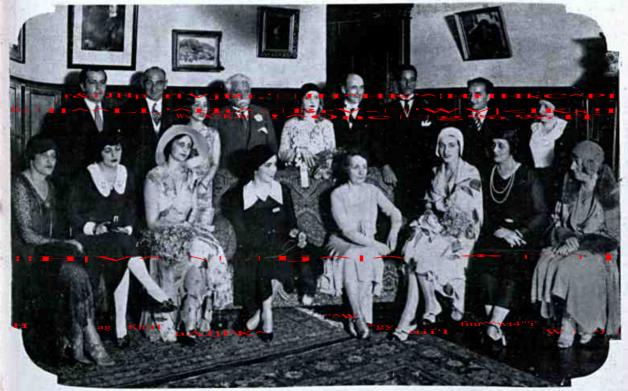
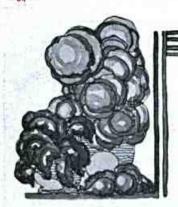
Desde que me falaste daquella mysteriosa cisterna, meu coração não socegou mais. Vive nutrindo a idéa e o desejo de ir até lá, como um peregrino quasi morto de sêde, para beber na cisterna mysteriosa a agua illuminada da Verdade.

Mas tenho tanto medo de ir só!

Vamos nós dois, de mãos dadas, como duas crianças curiosas, vencendo caminhos impérvios ou ladeando canteiros cheirosos de resedás, até a mysteriosa cisterna que enthesoura a agua illuminada da Verdade?

Meu coração já conhecia as crucificações deliciosas da Belleza, mas a revelação da tua palavra adorada — nem imaginas, meu principe e meu pastor, nem imaginas! — fel-o desejar ainda esse outro estremecimento.

Mas tenho tanto medo de ir só!

Vamos nós dois, de mãos dadas, como duas crianças, vencendo caminhos impérvios ou ladeando canteiros cheirosos de resedás, até a cisterna mysteriosa que enthesoura a agua illuminada da Verdade, e beber, beber, beber?...

Na legação da Hungria realizou-se um chá em homenagem á senhorita Eve de Szaplaczai, que veiu representar a mulher de sua terra no Concurso Internacional de Belleza do Rio de Janeiro.

Faianças

A BONECA DE HONTEM É A RAINHA DE HOJE...

Quando eu te conheci, tu eras uma creaturinha simples. Modesta. Não acreditavas que eras linda, que lembravas aquella garotinha do "chaperon rouge" e que poderias ser uma grande dama.

Nas tardes em que tu caminhavas pelo meu braço, sob o docel dos ramos, nos jardins, ou sob o malicioso olhar das estrellas, na quietude das praias, as tuas phrases eram ingenuas.

Tão ingenuas, que eu suppunha saíssem dos labios de uma boneca. Dessas que fecham os olhos de azul *pervenche*, e dizem, choramingando: "Papá"... — "Mamã"...

Mas, de repente, eis que revelas uma alma diversa daquella que eu conhecia.

Uma alma de mulher...

Sim, porque a tua alma antiga era, antes, a alma doce de um anjo. Os anjos e as bonecas são sêres que se confundem. Não se póde dizer até que ponto um anjo é boneca e uma boneca é um anjo...

Mas a verdade é que a tua alma já não é aquella que eu conhecia. Mudou.

A que hoje possues é soberana, altiva, quasi prepotente. Quando falas, não ha mais na tua voz aquelle canto macio, languoroso, que nos magoava a alma de tão lindo e tão doce.

Hoje, a tua voz é crespa, agil, que até parece executar acrobacias; é quente, por vezes rude, raspante, arranhenta, arenosa...

Por que? Dize por que a tua voz de anjo, de boneca, que dizia "Papá" — "Mamã" — se apagou de todo, para que nascesse da sua sombra, do vazio que deixou, a harmonia espinhosa, eriçada de alfinetes, da tua voz de rainha?

Sim... Tu hoje és uma rainha que fala do alto do throno; não és mais a boneca de porcellana, que eu levava pelo braço, sob a poeira das estrellas ou sob a nuvem de aroma dos jardins, dizendo apenas: "Meu amor! Meu amor"...

A senhorita Magdala da Gama Oliveira não é um nome desconhecido dos leitores do FON-FON. Neste semanario, ella, que é uma joven escriptora de grande talento e, por isso mesmo, bastante festejada, já tem collaborado com muito brilho. Tendo terminado o curso de violino, no Instituto Nacional de Musica, foi oradora da turma e recebeu a medalha de ouro como premio ás distincções que alcançou.

ENTRE O SONHO E A REALIDADE

— Allô! — Allô!

— Quem fala?

— E' X...

— Ah! é o senhor mesmo.

— Sim.

Quem fala aqui é uma paulista. Sua admiradora.

— Muito prazer em ouvil-a.

— Estava ansiosa para ouvir a sua voz. Ha quantos annos...

E a interlocutora do cavalheiro X... se estendeu, por ahi a fóra, fazendo sentir o seu enthusiasmo em ouvir aquella voz que, aliás, nada tinha de extraordinario.

Quando a mocinha paulista desligou, o cavalheiro, — que é um escriptor — se quedou a pensar na relatividade dos desejos e mesmo da felicidade.

Na alma feminina é infinita a gamma das emoções, dos caprichos, dos sonhos e dos ideaes.

Ha almas feitas de absoluto interesse; ha as que só alimentam um interesse material, — de modo relativo. E ha as sonhadoras, fantasistas, as que se contentam com sombras e miragens.

Por que será?

Não é prudente entrar no fundo da alma de uma Eva. Ha o risco de se ficar perdido dentro della, — como no fundo do oceano. A fauna é perigosa: possue os monstros mais terriveis, e é claro que podemos ser devorados...

Por isso, o melhor é estudal-a do lado de fóra; á margem.

O baile do Atlântico Club em homenagem ás concorrentes ao titulo de «Miss Universo», e realizado no ultimo sabbado, constituiu uma festa de grande brilho mundano, que reuniu os mais finos elementos da sociedade de Copacabana.

FAIANÇAS — (Conclusão)

Mas por que são as mulheres, ou intrinsecamente realistas ou doentiamente sonhadoras?

Tudo o que se sabe, ao certo, é que ellas são assim: — ou correm atraz de uma realidade, para alcançar uma doce miragem, ou correm atraz de uma miragem, para encontrar uma realidade flagrante.

Ha as que amam o ouro; e ha as que amam uma voz, uma sombra.

São como aquelle heroe do poema de Franz Toussaint, que, não podendo ver a sua amiga embalar um filho do seu amor, se contentava de vel-a embalar a sombra de uma magnolia, que dormia sobre os seus joelhos...

YVES

Algumas das «misses» estrangeiras presentes ao baile do Atlântico Club, em companhia de directores daquelle centro de mundanismo.

Balcão Florido

O SCEPTRO DA BELLEZA

O dia triumphal de domingo ultimo foi bem um desses dias que desabrocham sobre a terra brasileira numa apotheose de luz.

Um dia feito para a glorificação de todas as coisas bellas da vida, esse que, no esplendor magnifico do seu fausto tropical, se engalanou de céo azul e de sol doirado para saudar as "misses" para festejar a "Mais Bella"...

Ante-manhã, ainda, e já elle despetalava sobre os cimos verdejantes da terra carioca e sobre as aguas quietas e recolhidas da Guanabara o seu sorriso luminoso, quente, festivo, deliciosamente pagão.

Um sorriso de fauno amoroso, impregnado da fragrancia de toda a volupia casta e fresca da terra morena, estuante de seiva, coberta de flores...

Não sei como será a natureza das outras terras, que não conheço.

A do meu Brasil, porem, é uma natureza feita para a festa do amor, para o continuo deslumbramento dos olhos, para o culto pagão da eterna Belleza.

Na ardente exaltação dos seus anseios de "grande amorosa", suas entranhas fecundas trabalham o mysterio conceptional de todas as coisas bellas e boas que ella nos prodigaliza, munificente e generosa.

E ha pipios de ninhos quentes, musica de beijos inquietos, doçuras de caricias frescas — volupia, amor, fecundação, exaltação da Vida, tudo — na manhã luminosa e alácre, na tarde azul e tonta de sol e na noite vaporosa, illuminada de estrellas, do glorioso domingo em que a natureza e o coração do Brasil, amoroso e galante, prepararam a festa da Belleza, para eleger "Miss Universo 1930"...

Lilica da Costa Buttel é uma interessante e fina organização de artista e, tambem, uma encantadora figurinha de mulher. Brevemente, a gentil cantora patricia, que pretende fazer uma «tournée» pelo norte, se fará ouvir e applaudir, mais uma vez, nesta capital, proporcionando á sociedade carioca um recital de canto no Instituto Nacional de Musica.

O bando garrulo e lindo desfila ante meus olhos deslumbrados.

Tão bellas todas ellas!

Mon coeur balance... mon coeur léger... de filho dos tropicos, tropicalmente amoroso...

"Miss Estados Unidos"... "Miss Grecia"... "Miss Italia"... "Miss Portugal"... "Miss Argentina"... "Miss..." "Miss"... Brasil"...

A alma da Patria exultou dentro de mim e a natureza do meu Brasil, e a caricia do seu céo azul, e o sorriso do seu sol doirado — toda a sua terra morena, engalanada de verde, coroada de flores — palpitou, humanizada, numa figura — symbolo da mulher patricia...

Flor de graça de uma raça nova, sorriso illuminado da terra americana, "Miss Brasil", a Belleza Mundial saúda e acclama em ti sua majestade "Miss"... rainha" — "Miss Universo 1930".

E eu — teu patricio e teu admirador — curvo-me, reverente, para exaltar em ti toda a Belleza da Terra prodiga e bemdita de que te deves orgulhar de ser Raiz humilde e flor gloriosa...

HELIANTHO

AFFINIDADES

QUERO-A mesmo assim como você é: extremada no affecto como no odio. Tão generosa quanto vingativa. Quero-a com o seu doce defeito de mulher que não perdôa a outra mulher. Quero-a com o seu egoismo e o seu rancor implacavel.

Porque eu sou, tambem, como você. Sou egoista: quero só para mim. Sou vingativo: não perdôo a quem me faz mal. Minha compaixão é relativa e austéra, e só se manifesta quando o inimigo se humilha. Está no meu temperamento. Está no meu espirito insatisfeito. Está na minha desillusão. Está na minha desventura. Está no meu scepticismo. Está no meu soffrimento. A vida fez-me um homem que não sabe ser bom. O mundo ensinou-me a ser mau. Mau para quem me não comprehende.

Entretanto, sei amar. Sei ir até o sacrificio, quando gosto de alguém. Sou capaz de enfrentar o impossivel, para alcançar um coração que de longe me acene com o lenço verde da esperança.... Não tenho medo dos preconceitos dos homens, nem das censuras das mulheres. Encho-me de coragem quando é preciso. Faço-me de covarde quando sinto necessidade de o ser. Amo e odeio. Si amo, tenho a doçura mystica de um frade e a docilidade mansa de uma criança a quem se enganasse com promessas ingênuas. Vou para onde me mandam. Piso sobre espinhos para colher as rosas da illusão. Estou sempre prompto para obedecer. Si odeio, porém, minha doçura de monge se transforma em aspereza de selvagem, e eu não sei conter os meus impulsos de revolta contra o adversario victorioso ou vencido. E não perdôo. Levo até o fim, serenamente, a minha vingança. Exerço-a com a crueldade chineza de um tyranno. Sem commover-me deante das lagrimas, que quasi sempre disfarçam desejos de novas perfidias sopitadas. Sobretudo quando se trata de mulher. Esta, quando chora, geralmente, é porque não pode gritar...

Amo e odeio. Sou dos extremos do sentimento. Exactamente como você. Não tenho meios termos. Ah, como você se parece commigo, meu amor! Existem tantas affinidades entre nós dois! Tantas! Você é, tambem, egoista. E é triste, tambem. E é insatisfeita. E é romanticamente amorosa. E possue, como eu, esse traço caracteristico de todos os emotivos: a inquietude sentimental. E tem os defeitos que eu tenho. Os defeitos de quem ama.... Estou contente com essas affinidades que o destino nos deu. Esse mesmo destino que nos nega tantos outros anseios...

Você é como eu: vingativa e implacavel. E eu a quero mesmo assim, meu amor. Quero-a como você é: má para os seus inimigos, mas bôa para mim...

Tango Evocativo

OUTRO dia, num salão de festas, tornei a ouvir a musica dolente daquelle tango triste, que derramou sua volúpia no ar na ultima noite em que nos encontrámos...

Aquelle tango!...

Eu disfarçava a minha angustia na luminosidade falsa de um sorriso, ouvindo, sem poder fugir a isso, palavras de carinho que me entristeciam... Porque eu me lembrava de você. Recordava, cheia de saudade, a nossa ultima noite ali, naquelle mesmo salão, escondendo a nossa dôr com sobrehumano esforço... Naquella sacada, lembra-se?, parecia-me ver a sua esbelta figura e os seus olhos negros, que me diziam tudo o que a bocca não se atrevia a murmurar. Você, tão differente dos outros! Pelo seu espirito, tão superior aos que me cercavam!...

Irritada, estive quasi a responder com algumas phrases asperas a quem me falava de amôr, quando eu pensava tão somente em você. Mas, as conveniencias... Os preconceitos, meu amôr. Você sabe... Você bem me comprehende... Você não ignora o destino que tenho a cumprir. Tão magoado e horrivel como o seu proprio destino...

E eu pensava, amargurada, na tragédia dolorosa que nos separou, quando se derramaram na sala os sons macios do nosso velho tango tão querido... Fechei os olhos, commovida. E, sem ouvir mais as palavras tolas e adocicadas que me torturavam o ouvido, deixei-me levar, em pensamento, até onde você estava, num mórbido encantamento...

Tornei a vel-o ali, juntinho de mim, a minha cabeça recostada no seu hombro, seus braços cingindo-me a cintura, ambos acompanhando o rythmo languido da musica...

Meu amôr, eu quizera ter morrido assim. Abraçadinha a você, com aquelle meu grande desejo de chorar, porque a separação já se aproximava... Quando o tango terminou, eu olhei-o entontecida. Como me deixára embalar tão bem pela musica tentadora!... Talvez mais pelas suas palavras quentes e cariciosas...

Tudo isso me occorria agora quando, de novo, o velho tango enchia de sonoridades o salão. E, de novo, como outróra, elle calou-se. Abri os olhos, entontecida como dantes, esperando encontral-o, amoroso, ali pertinho de mim... Mas não foi você que me sorriu, nem foi você que me disse aquellas palavras amorosas...

Oh! Tango que me evocas a minha mais bella noite de ternura!

Oh! tango feito de espreguiçamentos felinos e caricias desconhecidas! Tango feito de volúpia e quebranto!

Eu queria que tu derramasses os teus sons enlanguecedores á beira do meu leito de morte e que a tua ultima nota soasse unisona com o meu ultimo suspiro...

Uma commissão de damas da sociedade portugueza desta capital, tendo á frente a sra. embaixatriz Duarte Leite, promoveu, quinta-feira penultima, no grande salão do Automovel Club do Brasil, um banquete em honra da senhorita Fernanda Gonçalves, a formosa lusitana detentora do titulo de «Miss Portugal». Nesse ágape, que constituiu uma homenagem altamente expressiva á mulher portugueza, tomaram parte as figuras de maior destaque na colonia do paiz amigo. A nossa gravura fixa tres detalhes dessa reunião scintillante.

FILIGRANAS

Toda a antiga terra da Provença, banhada de sol, se cobre de velhas cidades adormecidas na saudade e na morte como Avinhão, que viu os cortejos papaes pelas suas congostas mal empedradas; Arles, rodeada de ruinarias romanas; Maguelone, velha colonia grega; Baux, erguendo sobre os pincaros das rochas as suas barbacans ameiadas que as guerras brecharam e que o tempo betou de musgo e de hera; Martégal, patria do cruzado Geraldo Tenque, fundador da ordem dos cavalleiros hospitalarios; Nimes com as suas arenas; Tolosa com as suas torres; Aigues Mortes com as suas muralhas contemporaneas de S. Luiz...

YOLANDA!

Sim, Yolanda, não ha quem aventure
solução differente da do Jury:
Você, que é brasileira; que pertence
á fina-flôr da Flora Nacional,
você, rosa do pampa riograndense,
é a Fernandinha, flôr de Portugal,
e Alice, lyrio grego á Seculo Vinte,
e aquella yankeezinha encantadora,
Beatrice Lee, vocês são, afinal,
(e si o não são, é bem como se o fôra)
vocês são, afinal,
ou pela natureza do requinte
(olhe, Yolanda: é bom que não se pinte,
nem faça as sobrancelhas)
são, pela natureza do requinte,
ou, nos requintes bons da natureza,
as flores mais vistosas das corbelhas
de vinte e seis paizes,
as flores mais felizes
do universal florario da Belleza.

Parece-me, entretanto,
que você (e eu já havia preeleito)
não satisfeita do seu proprio encanto
que a todos nos havia satisfeito,
temendo ter, talvez, algum defeito
desses de que a "belleza", ás vezes, se inça,
você, no ultimo dia,
ó linda Yolanda, recorreu á pinça
e fez as sobrancelhas... Por favor!
Pelo meu gosto, você não fazia,
e triumpharia
não a boneca, mas a propria flor.

Ah! eu bem sei, Yolanda
que, quando a Moda manda,
a mulher obedece, mas você,
que é bella por si mesma, já se vê,
você, ó encantadora gauchinha,
botão de rosa, esplendido e impolluto,
da sul-americana natureza,
para ser a Rainha,
para ser a Princeza
eleita e consagrada,
não precisava de ir ao "Instituto
de Belleza",
pois você já nascêra diplomada
no Instituto da propria Natureza.

De qualquer fórma, queira-se ou não queira,
no consenso geral,
ó Yolanda Pereira,
você é a flor da Flora brasileira
a florir no florario universal...

A belleza de «Miss Universo» esplende, naturalmente, sem artificio, nem retoques, o que, de certo modo, desvirtuaria o seu prestigio. «Miss Universo» apresentou-se aos olhos da população carioca tal qual uma flor, genuinamente brasileira, colhida em nossos jardins, em nossos prados ou nas florestas virgens que embellezam e engrandecem os nossos panoramas.

A victoria de "Miss Brasil" hoje detentora do cubiçado titulo de "Miss Universo" não é uma victoria pessoal, não é só do paiz, da communidade brasileira; é de todos nós que vivemos neste lado do continente sul-americano e, particularmente, da nossa raça. Na tez levemente morena, no negror do cabello, no brilho doce dos olhos, na ternura do sorriso, na vivacidade de todas as suas attitudes, nós brasileiros vemos os traços, as caracteristicas do nosso typo racial.

Ao mesmo tempo, "Miss Universo" é o symbolo vivo dessa belleza moderna, feita de nervos, de flexibilidade e de graça, que tanto póde encantar os nossos olhos, fixada na immobilidade de um mármore, como realizando performances sportivas ou no trottoir das nossas avenidas.

Todos nós, filhos destas terras do Cruzeiro do Sul, devemos erguer-lhe este brado de enthusiasmo e de orgulho: — Avé "Miss Universo!"

★ ★ A VICTORIA DA BELLEZA BRASILEIRA

A data de 7 de setembro foi de dupla significação para o Brasil: — de um lado, celebrava-se um acontecimento politico, memoravel para a nossa historia; do outro, uma ephemeride festiva, que ha de ficar nos annaes da nossa vida social, artistica e internacional. Social, pela victoria de «Miss Universo» (ex-«Miss Brasil»); artistica, pela sua natureza; e internacional pela relação que teve com as principaes nações da Europa e das duas Américas. Accresce que o domingo ultimo, de sol pompeante e soberbo, muito contribuiu para que as festas de 7 de setembro tivessem um desses encantos de inesquecivel esplendor. Da praça Mauá a Copacabana, entre alas de uma multidão enthusiastica, as «misses» que tomaram parte no Concurso Internacional de Belleza desfilaram triumphalmente. A nossa pagina focaliza dois aspectos dessa tarde esplendente, vendo-se «Miss Universo» e uma parte minima da multidão que enchia as ruas da cidade.

Muito expressiva foi a cerimonia da imposição da faixa de «Miss Universo», feita a «Miss Brasil», que a recebeu das mãos do vice-presidente do Conselho Municipal, na séde do legislativo da cidade. A nossa pagina focaliza a fascinante figura de «Miss Universo» num dos momentos mais empolgantes, certamente, da sua vida de moça bonita e que tão justamente se vê acclamada pela sua patria.

filigranas

Quando o pifano começou a tocar sob a arvore, Cyrano de Bergerac disse aos cadetes:

Écoutez, les gascons...
Écoutez... C'est le val, la lande, la forêt,
le petit pâtre brun sous son rouge béret;
c'est la verte douceur des soirs sur la Dordogne...
Écoutez, les gascons: c'est toute la Gascogne!

O pifano gascão é como que um symbolo da arte ou do artista que traduzem a alma dum povo. Somente são grandes os poetas e os prosadores, os pintores e os musicos que palpitam com o sentimento duma terra ou duma raça e o transportam para a obra que se torna immortal, mais por causa desse sentimento do que de sua propria interpretação...

TREPAÇÕES

DESDE o apparecimento do joven casal na pensão, que a casa de hospedes não teve mais socego.

As mulheres brigam com os maridos por causa *della*; os homens lutam, enciumados, com as esposas, por causa *delle*...

Um casal diabolico, fascinante, que agitou e revoluciona a pacata pensão, que vivia em *familia*, com uma ou outra intriguinha de corredor, sem importancia...

Mas, agora, os hospedes estabeleceram até uma especie de policia secreta pelos diversos andares do predio, para ver, ouvir e contar...

Por isso é que as *novidades* correm de bocca em bocca, os boatos fervilham, vivendo todos num ambiente de desconfiança.

Só o casal diabolico não percebe, ou finge não perceber o que se passa ao redor, pois, *ella* deita os seus grandes olhos negros, cheios de doçura, aos maridos alheios, e *elle*, elegantissimo, tem sempre um sorriso amavel e uma phrase galante para as esposas incautas.

E, si a coisa continúa, a casa de pensão será, breve, a mais divertida da cidade, pois o casal é *de circo*...

O ultimo jantar das *misses* correu em meio da maior alegria.

Musica, flores, o riso guizalhante das mulheres, reunindo o salão do grande hotel todo o mundo *chic*, sempre disposto a gozar a vida, diante de uma taça de *champagne*, animado por qualquer motivo futil.

A nossa attenção esteve, porém, voltada para uma mesa, onde conhecida figura não sabia conter o seu enthusiasmo por determinada *miss*, enthusiasmo transbordante e, ao mesmo tempo, ridiculo, pois, a seu lado, a esposa olhava, com espanto, para tudo aquillo.

E, tantas fez o nosso heroe, que *madame* não poude conter a sua indignação, abandonando bruscamente a mesa, retirando-se do salão, fazendo passar á sua frente o imprudente marido, de crista cahida...

Nós registamos a scena, e aqui estamos para lamentar o castigo que *madame* impoz ao inesperto marido, fazendo-o retirar do salão do hotel, no melhor da festa...

Que azar!

GRAÇAS INFANTIS

José, Regina e Therezinha, tres galantes filhinhos do dr. Alexandre Bittencourt e de sua exma. esposa, d. Aida Soares Bittencourt.

O deputado illustre não foi feliz, deslocando-se do Rio até a cidade de aguas, suppondo que estava longe das vistas conhecidas. No hotel onde se abrigou, teve a pouca sorte de encontrar innumeras pessoas com as quaes mantem relações de amizade. E... Foi uma entaladella de todos os diabos, pois teve de remover, ás pressas, a bagagem, para outro hotel mais modesto e socegado, onde pudesse estar em liberdade.

Isto resultou de uma imprudencia, porque o deputado illustre esqueceu a esposa nesta capital, mas levou para as aguas um *contrabando* que fazia passar pela cara metade...

Experimentou, entretanto, o martyrio da popularidade.

Levantaram a lebre, e o nosso amigo não teve outro remedio senão deixar o convivio dos hospedes do grande hotel.

Tambem, que idéa, procurar descanso tão mal acompanhado!...

MADAME, como toda a gente, foi ver a parada das *misses* e acabou descobrindo um *mister*, authentico, com o qual entreteve longa palestra, alli num banco do Flamengo. O *mister* parece que se julgou á vontade, pois, não teve nenhuma cerimonia em convidar *madame*, após o desfile, a se transportar á casa, de automovel, na sua companhia...

Os dois, como velhos camaradas, fizeram um pequeno passeio pela cidade e depois cada qual tomou rumo diverso...

Madame, naturalmente, pensou não ter sido observada de perto, por pessoas conhecidas, em meio á formidavel massa humana que se comprimia na praia.

Mas, não só foi observada como seguida, pois alguem teve curiosidade de saber a finalidade do seu gesto, admittindo, ao lado, um estrangeiro que ella via pela primeira vez, e que tanto podia ser uma pessoa distincta como um illustre cavalheiro de industria...

Madame perdeu o juizo, porém, mais lamentavel será si o *mister* ficar supponto que no Rio as conquistas são faceis, entre pessoas da melhor sociedade...

Mais que lamentavel, porque é triste.

A interessante *miss* do paiz amigo está arriscada a não voltar para a patria amada, deixando-se ficar sob o esplendor do sol brasileiro.

No Rio, a *miss* não quedou extasiada apenas deante da nossa maravilhosa natureza, porque maior encanto encontrou em uns olhos negros, de um filho da terra...

O rapaz tambem está preso pelos encantos da *miss*, disposto, ao que parece, a impedir a sua partida para o outro lado do Atlantico.

Pertencendo ao meio bancario, o rapaz está cotado para excellente marido, e isto mesmo deve ter comprehendido a intelligente e encantadora *miss*...

«The Rio de Janeiro Athletic Association» realizou, sabbado ultimo, uma brilhante festa para receber algumas das embaixatrizes da belleza estrangeira que vieram tomar parte no concurso de «Miss Universo». Suas pittorescas dependencias da séde do Leme movimentaram-se galantemente ao contacto daquella sociedade alegre, trepidante, que enche de radioso enthusiasmo todas as reuniões da «Rio de Janeiro Athletic». «Miss» Inglaterra» (senhorita Senie Dicks), «Miss Russia» (senhorita Irene Wentzel) e «Miss Antilhas (senhorita Yvonne Pampellone) deram, com a sua presença, uma nota de graça e de encanto a essa festa de tanta scintillação mundana.

Arvore do Bem e do Mal

Claudio França

Os herdeiros dos antigos

NO limiar dum livro raro, disse Gabriel Hanotaux: "La perpétuelle destruction de la pensée des hommes est une des grandes misères de l'humanité. Mal pire que la mort; car les corps, par la loi de la génération, se reproduisent; mais la pensée, étant éminemment individuelle et irréversible, n'a pas d'heritier naturel..." Ha um exagero pessimista nestas palavras do autor de Bibiophiles. Nem o pensamento dos homens de todo se destróe atravez dos millenios, sossobrando ao empuxe das guerras, das calamidades e dos cataclysmas, nem de todo lhe faltam os herdeiros naturaes.

Descobrindo o segredo dos hieroglyphos, decifrando os caractéres cuneiformes dos tijolos cozidos, fazendo brotar de sob a crosta dos palimpsestos os autores classicos, editando e reeditando eruditamente os manuscriptos que contêm os salvados literarios e scientificos da civilização mediterranea, revolvendo os entulhos millenares e delles extrahindo a ceramica e o baixo relevo, nelles medindo os alicerces vetustos e os lageados colossaes, o homem moderno consegue estar em contacto com o pensamento das gerações que o precederam, sinão de todo, pelo menos em parte. E aquelles que dedicam a essas tarefas sabias de erudição paciente, de analyse rigorosa, de interpretação scientifica a sua nobre vida são, sem duvida, os legitimos herdeiros do pensamento antigo.

A
MULHER CHIC
Vestido de jersey branco
Jean Patou
Cinto de couro branco
Especial para "Fon-Fon"

JARDIM ABERTO — D. Jayme

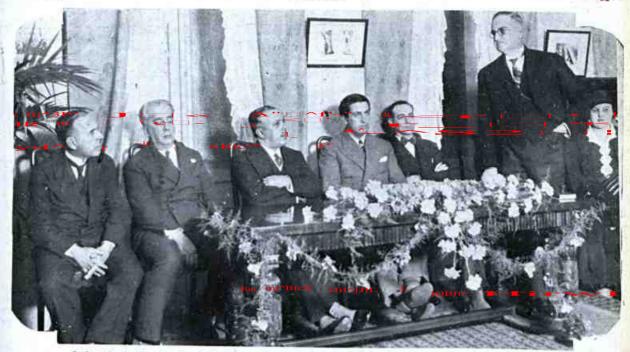
O PROFESSOR CARCOPINO

O professor Jerôme Carcopino, que nos visita presentemente, a mandado do Instituto Franco Brasileiro de Alta Cultura, é um herdeiro legitimo e natural dos antigos, que tem vivido, segundo elle proprio confessa trente ans en compagnie des Anciens... Alumno da Escola Normal Superior, membro da Escola Franceza de Roma, professor no Lyceu do Havre, encarregado dum curso na Universidade de Argel, mestre de conferencias na Faculdade de Letras de Paris, director interino da Escola Francesa de Roma e professor de Historia Romana na Sorbonne, em todos os degráus de sua vida de estudioso e de educador tem demonstrado que, sendo um legitimo expoente do moderno e encantador humanismo francez que estamos acostumados a admirar, é herdeiro natural — par droit de naissance et de conquête — do alto pensamento dos antigos. Toda a vida e toda a idéa de gregos e romanos preoccupam a sua curiosidade atilada e lhe suggerem themas de estudos profundos. Membro da Academia de Inscripções e Bellas Letras do Instituto de França, estuda, com uma proficiencia de espantar o ostracismo atheniense e La loi de Hiéron et les romains, interpreta a inscripção de Ain-el-Djemala; vive familiarmente com Mionnet e Babelon, compulsa os catalogos do British Museum, ama os cunhos fortes dos azes libraes, póde classificar as moedas romanas pelas suas familias monetarias e seus dedos sabem acariciar as faces polidas das numismas bizantinas. Correspondente do Instituto Archeologico Allemão e da Academia Pontificia de Archeologia, é o autor consagrado de Virgile et les origines d'Ostie, o traductor e editor do Le forum romain de Huelsen, o interprete formidavel do significado philoso-

No disputado concurso ultimamente realizado para a cadeira de literatura da Escola Normal desta capital conquistou notável victoria o nosso culto e talentoso patricio dr. Clovis do Rego Monteiro, que foi o candidato classificado em primeiro logar. Assim na defesa da these com que se apresentou — «Traços do romantismo na poesia brasileira» — que é um estudo literario de alto valor — como nas varias provas a que se submetteu, o illustre docente do Pedro II, figura de accentuado relevo no nosso alto magisterio, sahiu-se galhardamente, levantando, após uma brilhante affirmação dos recursos mentaes e culturaes de que é dotado, o premio da victoria.

phico e religioso da Basilica Pythagorica da Porta Maior. E os Etudes romaines, Autour des Gracques, La louve du Capitole, Histoire de la Republique Romaine justificam seus titulos á Real Academia Italiana e á Academia Romana. Onde quer que ainda illumine ou bruxoleie o principio espiritual da latinidade, na velha peninsula avoenga ou nos confins da Dacia Trajana, se tributaram homenagens a esse descendente de tão alta estirpe.

Entre as obras do professor Carcopino, uma das mais eruditas e talvez a mais sympathica é Virgile et le mystére de la IVe. églogue. A famosa ecloga do mantuano, oblata ao consul Pollion, de longa data preoccupa os eruditos commentadores do poeta. Ella celebra o nascimento duma criança abençoada com a qual cessará no mundo o reinado da raça de ferro e surgirá o da raça de ouro. Então, a terra será um paraizo. A descripção delle feita pelo poeta lembra os campos elyseus, as ilhas Makaria ou Afortunadas, o O'Brasail dos celtas. E foi dessa idéa, espalhada nos folk-lores, que nasceram as lendas do El Dorado, da Manôa lendaria e das Cucanhas rabelesianas. E esse pequeno divino, por quem a Paz e a Felicidade reinarão no mundo, sorri á sua mãe gentil nos derradeiros versos da ecloga.

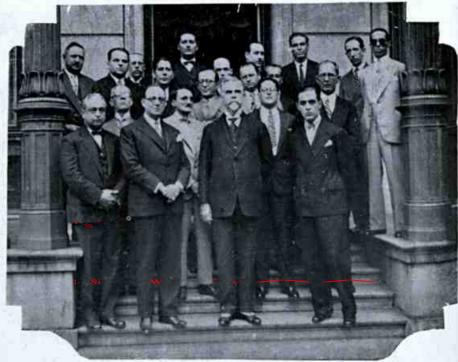
Ha seculos se commenta, se procura interpretar o sentido soi disant occulto da peça virgiliana: "...depuis qu'il y a des commentateurs, et qui la lisent, tout a eté dit, hors peut-être la verité, la verité, toute simple, la verité cherchée et obtenue par les moyens de l'investigation critique..." E, no estudo do poema de Virgilio, dá bem o sr. Carcopino a exacta medida de seu valor como latinista, romanista, archeologo, numismata e homem de letras. Combate o messianismo que os exegetas modernos, baseados nos antigos, pretendem ver na ecloga quarta e estuda com uma profundez e uma segurança assombrosa o pythagorismo dominante na mesma. Di mystica passa á historia e novamente nos maravilha pela certeza no seu conhecimento dos factos e da chronologia, determinando a data exacta da peça virgiliana. Termina pelo estabelecimento de-

O Syndicato Medico Brasileiro, de que é presidente o dr. Gabriel de Andrade, inaugurou, solennemente, no ultimo sabbado, a sua séde da rua da Carioca, onde, na mesma occasião, se realizou o acto da assignatura das escripturas de doação dos terrenos destinados á «Casa do Medico». O sr. ministro Octavio Mangabeira, que é socio benemerito do Syndicato Medico, presidiu a essa dupla e expressiva cerimonia.

finitivo da verdade sobre os versos tão falados. Offerecidos a Pollion, que protegera o poeta e que o triumpho de Augusto atirou aos bastidores da historia, elles consagram o engano do autor em pensar que seria aquelle consul, após a desejada paz de Brindisi, o arbitro dos destinos do mundo. A fé em Virgilio, professada pelos christãos e agnosticas, não podia admittir que na obra do mantuano não houvesse duplo sentido e que dirigindo-se a Salonius, filho de Pollion, não se referisse elle occultamente a Augusto, ou Jesus Christo. E dahi as interpretações propheticas.

Um grupo de amigos e admiradores de Jorge Drummond de Mendonça — o notável paizagista patrício, cuja exposição de quadros, ha pouco encerrada, teve um êxito excepcional — offereceu-lhe, no Jockey Club, um almoço intimo. Ao artista e ao «gentleman» irreprehensivel que é Jorge de Mendonça, foram erguidos vários e amistosos brindes, durante o ágape com que foi homenageado, e que decorreu num ambiente da fidalga cordialidade.

O nosso confrade da imprensa portugueza Pedro Bordallo Pinheiro, director-technico do «Diario de Lisboa», e que veiu ao Brasil acompanhando a senhorita Fernanda Gonçalves («Miss Portugal»), e foi, aqui, um dos membros do jury que escolheu «Miss Universo», recebeu, segunda-feira ultima, no restaurante do Jockey Club, uma homenagem promovida pela directoria da Associação Brasileira de Imprensa, e que consistiu num almoço de cordialidade jornalistica. Foi interprete dos sentimentos dos jornalistas presentes e dos que, por motivos justificaveis, deixaram de comparecer, o presidente da Associação Brasileira de Imprensa, dr. Barbosa Lima Sobrinho, a cujo brilhante discurso respondeu, commovido, o illustre collega homenageado.

FILIGRANAS

Dois são os sorrisos — diz um escriptor francez — que jamais fatigam os olhares dos mortaes: *celui des étoiles au fond des cieux, celui des petits enfants dans leurs berceaux*. Porque em ambos reluz a esperança. Naquelle, a esperança na vida mysteriosa do Alem. Neste, a esperança no futuro da humanidade. E, si não fôra a esperança, virtude theologal ou ambição de felicidade, seria muito mais dura a condição do homem á face do seu sepulcro...

O presidente da Republica entre organizadores do Club Politico Washington Luis, que foram communicar a s. ex., no palacio do Cattete, a installação daquelle novo gremio politico.

Povina Cavalcanti, o brilhante escriptor que todos nós admiramos, foi quem deu abertura á «Semana do Autor», iniciativa levada a effeito pela senhorita Hyldeth Favilla, autora de «Sarabanda illuminada». Essa iniciativa, como já foi largamente noticiado, consiste na venda de livros nacionaes, pelos que os assignam e não encontram apoio da parte dos livreiros. Povina Cavalcanti, com o brilho da sua palavra, foi quem apresentou a poetisa Hyldeth Favilla ao publico, que lhe adquiriu os exemplares do livro, cujo resultado reverteu em favor do Hospital Infantil. Estão aqui dois detalhes muito expressivos dessa festa de intelligencia, vendo-se Hyldeth Favilla entre escriptores e artistas presentes e, no medalhão, a poetisa de «Sarabanda illuminada» ao lado do illustre critico e ensaista de «Telhado de Vidro».

Inaugurou-se, no dia 3 do corrente, no salão do Palace Hotel, a quarta exposição de trabalhos femininos da Associação das Senhoras Brasileiras, organizada sob os auspicios das exmas. senhoras Washington Luis e Octavio Mangabeira, que compareceram pessoalmente á linda solennidade da tarde da penultima quarta-feira.

SABEDORIA

As mulheres que nasceram, infelizmente, com um coração terno, deveriam evitar o convivio com os homens que lhes fossem indifferentes, pois sempre ha perigo para ellas. — Mme. D'Arconville.

A grande parada militar com que, este anno, celebrou o governo da Republica a data da independencia nacional, revestiu-se de uma desusada imponencia. Na manhã, cheia de sol, de domingo ultimo, a festa civica de 7 de setembro fez vibrar de enthusiasmo a alma brasileira. Ali, n'uma grande extensão da Avenida Beira Mar, mais de quatorze mil homens das nossas forças de terra e mar se achavam formados, desfilando, logo depois, em continencia ao chefe da Nação, com um garbo e uma galhardia que despertaram os calorosos applausos do povo.

...ILIGRANAS

Mistral cantou como
...m aedo inspirado a sua
...rra natal: a immensa
...margue, com seus
...eaes e seus pantanos,
... margens risonhas do
...odano, o valle poetico
... Saint-Clerque, onde
...unod compoz Mireille,
... pedrento Baus Manie-
..., o monte Gaussier des-
...iando com a sua fronte
...iva as investidas do

...o mistral; os homens e as mulheres — a Branca-flor e Miramundo dos rimances de arte-maior, Margarida da Provença, esposa de S. Luis, Simão de Montfort e os albigenses, André Etienne, o bravo tambor da ponte de Arcole. E as proprias coisas inanimadas — mas e granjos, gimbeletos e cassoletos, o cru de Jurançou e o vinho capitoso de Tavel.

...ficiaes do estado maior
... commando da divisão
...e formou na imponente
...rada de 7 de setembro,
...artilharia do Exercito e

os Tiros de Guerra, quando desfilavam em continencia ás altas autoridades da Republica, na avenida Beira-Mar.

A Reserva Naval, o Collegio Militar e a Escola de Sargentos desfilando em continencia ao presidente e demais autoridades da Republica, na grande parada de 7 de setembro.

Flagrantes do desfile do Batalhão Naval, do Corpo de Marinheiros Nacionaes e da infantaria do Exercito na avenida Beira Mar, por occasião da formatura de domingo passado.

A encantadora «miss» Beatrice Lee, embaixatriz da belleza norte-americana no concurso em que sobresahiram a sua graça loira e branca e o seu sorriso illuminado de fascinação, tem sido alvo, nesta capital, das mais expressivas homenagens por parte de todas as classes sociaes. Entre essas demonstrações de sympathia á joven e rutilante filha da terra «yankee», teve especial realce o jantar que lhe offereceu, no Copacabana Palace Hotel, a sociedade norte-americana desta capital, e de que offerecemos um detalhe na gravura acima.

UM RECORD!

O commandante do "Cuyabá" conquistou o titulo de perfeito marinheiro.

Coube-lhe trazer da Europa uma carga preciosa.

No bojo do navio nacional, vieram as misses da Europa, as bonecas que enchem de graça e alegria a nossa cidade.

Ao que se diz, e nós bem comprehendemos, nunca a vida de bordo teve tanto encanto.

O "Cuyabá" navegou em pleno mar de rosas...

A piscina de bordo nunca teve a fortuna de abrigar tantas sereias, de corpos brancos, de claros sorrisos!

E o navio não se desviou da rôta traçada.

A agulha regulou sempre!

Si isto não constitúe uma gloria, um legitimo padrão de orgulho para o commando do "Cuyabá", então, senhores, eu não sei que melhor experiencia poderemos exigir para provar a excellencia e a segurança perfeita da navegação nacional.

Por mim, confesso que teria chegado com o navio desarvorado.

Ou peor...

Teria trepado em alguma pedra, no caminho...

MABION

O coronel Frazão Corrêa, illustre official do nosso Exercito, director do Laboratorio Chimico-Pharmaceutico Militar, a cuja frente vem emprehendendo uma intelligente obra de organização e efficiencia technicas, recebeu, no dia 30 de agosto ultimo, dia de seu anniversario natalicio, expressiva manifestação de apreço por parte de seus amigos, militares e civis, daquelle estabelecimento, os quaes lhe offertaram rico annel de grão, como symbolo do affecto e da admiração de todos.

A mesa do jantar que a General Electric offereceu, na fabrica de lampadas Edison Mazda, á «Miss Estados Unidos» e a «Miss Brasil», senhoritas Beatrice Lee e Yolanda Pereira.

ESTAS CARTAS...

I

Desce a tarde... Que outomno somnolento!
Longas magoas vagueiam pelo espaço...
Das tuas cartas abro o velho maço,
Para abrandar um pouco o meu tormento.

No jardim, anda um grande desalento.
Um repuxo suspira de cansaço...
Na varanda, tuas cartas eu repasso...
Quanta alegria!... Quanto soffrimento!

Interrompo a leitura, relembrando...
Fecho os olhos... Parece que me falas
Em venturas que nunca me chegaram.

Que angustia no jardim!... Fico scismando:
Estas cartas... Por que hei de conserval-as
Se todas, cruelmente, me enganaram!

II

Muitos annos depois que o nosso enlevo
Terminou, num occaso triste e brando,
Mais forte me julgando, eis que me atrevo,
Por fim, a tuas cartas ir rasgando.

Pareceu-me que, andando tão distante
Como andavas, entregue a um novo amor,
Era um louco relendo, a cada instante,
As tuas velhas cartas já sem côr.

E o laço, que as prendia, desatando,
A de cima — era a ultima! — reli,
Tomado, como sempre, de emoção.

Quiz rasgal-a, depois, quasi chorando...
Mas faltou-me coragem, pois senti
Que eu iria rasgar meu coração!

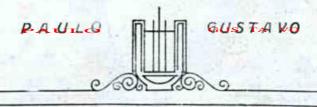
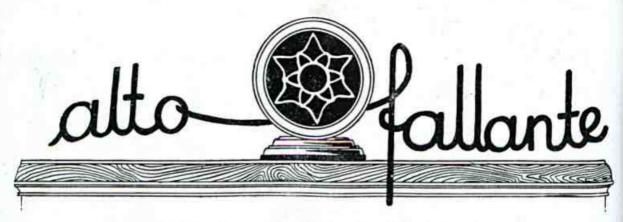
III

E' verdade, illudiram-me, porem.
Para os dias de treva e solidão,
Caridosas, guardaram-me este bem:
Ás horas mansas de recordação.

Consola sempre relembrar que alguem
Já nos teve no altar do coração
E, quando a tarde, azul, caindo vem,
É ver os sonhos que tão longe vão.

Nunca mais voltarás, tenho certeza!
Mas, nos dias de névoa e de tristeza,
Tuas cartas suavizam-me a saudade.

E hei de sempre guardal-as com ternura,
Pois lembrar, na desgraça, uma ventura
Ainda é um pouco de felicidade!

PAULO GUSTAVO

MEU BRASIL!...

DUAS grandes paradas fizeram-me vibrar domingo ultimo: — a grande parada militar, commemorativa da data da Independencia, e a das... "misses"...

Ambas imponentes, magestosas, deslumbrantes. Uma, enchendo de emoção patriotica minha alma de brasileiro; outra, exaltando meu coração deante da festa magnifica da glorificação da belleza feminina, aqui tão garrida e lindamente representada pelas embaixatrizes da graça e da formosura de varios paizes.

Não sei porque, porém, meu espirito deslumbrado e meu coração commovido ligavam uma coisa á outra e, para mim, tudo aquillo, no mesmo dia — o maior dia de festa civica nacional — parecia convergir para um mesmo fim: a glorificação do Brasil que trabalha e progride dentro da Ordem, do Brasil que se engalana e illumina para festejar as grandes datas da sua historia, tão cheia do mais sadio idealismo liberal e do mais alto e nobre espirito pacifista.

Tive orgulho de ti — Alma idealista e sonhadora do meu grande Brasil!

Tive orgulho de ser uma vibração humilde, obscura, imperceptivel, do immenso e ordenado Rythmo do teu coração de Gigante, sempre sereno e confiante, sempre generoso, sempre agazalhador e prodigamente bom!

Do alto do Corcovado, onde a imagem do Christo Redemptor começa a se erguer, para estender sobre Ti sua benção protectora, sinto que, sob a caricia illuminada do teu eco, sorris, bondosamente, para a Cidade em festa, que te exulta, — a maravilhosa cidade que é hoje, a Metropole da tua Civilização, o centro irradiador da tua Cultura, a luz da tua Intelligencia...

Senhoritas Mariazinha e Georgina da Rocha, duas galantes leitoras de FON-FON, no jardim da praça Juliano Moreira.

Meu Brasil — meu bom Gigante de coração de criança, como tenho orgulho de Ti, eu, que nasci bem dentro do teu coração geographico, lá, num recanto altaneiro da gleba dolorosa do teu Nordeste!

"Ordem e Progresso"...

O lemma insculpido na tua Bandeira, entre o oiro das tuas minas e o verde das tuas esmeraldas e das tuas florestas, estava tambem naturalmente gravado no coração de teus filhos...

Tua alma simples e primitiva, quando surgiu para o baptismo da Civilização, fel-o curvada, reverente, deante de um Deus, que não conhecias, ainda, de que ias ter a revelação nas tuas selvas immensas e, perante cujos altares, mais tarde, irias formar a cellula-mater da tua propria Civilização — tua familia.

Nesse culto — inspirado na velha divisa — Pro aris et focis (Pelos nossos altares e pelos nossos lares) — formaste o coração das gerações que te trouxeram á alta e perfeita consciencia do lemma que dá, hoje, a sadia e forte expressão do teu equilibrio espiritual e da tua expansão material — "Ordem e Progresso".

Meu Brasil, meu bom e enorme Gigante, de coração de criança...

Max LINDER

Senhora Maria dos Prazeres Costeira, esposa do sr. Manoel Costeira, e seu filhinho Paulo.

A mulher que acalentava o seu amor...

ELLA soltou uma gargalhada horrivel, dolorosa, onde havia um éco de soluços desesperados:

— Elles dizem que eu sou maluca, não é? Maluca, doida... é... estou sim... estou... Foi de tanto soffrer... Foi porque, aos meus sonhos e aos meus desejos, a vida cruel sempre disse: "Não"... Sempre não!... Eu pedia, eu chorava... ella ria... Eu tambem aprendi a rir, tambem sei rir, agora! Ella se divertiu á minha custa, arrancou-me tudo... e sorria... Má! Eu aprendi a rir tambem, depois de tanto ouvir a sua gargalhada calma e terrivel... Tambem rio agora... sempre... e quero rir depois de morta... eternamente... Quero mostrar áquella estupida que eu venci...

Fez um gesto de desprezo, e repetiu:

— Estupida! ...

Depois, de novo se poz a rir, até que a sua risada nervosa se transformou num chôro convulso, abafado. E, baixinho, lentamente, recomeçou a falar:

— Oh! coitadinho!... Como elle chora!... Não sou eu que estou chorando... não... é o meu amor dentro do meu coração... O meu amor... o meu filhinho que soffre... que chora... Filhinho... eu vou cantar para que durmas... Socega, meu filhinho!...

Cruzou as mãos sobre o peito, com o gesto meigo da mãe que aconchega, e, balançando-se lentamente ao rythmo da cantilena, ella começou a cantar muito baixinho, numa toada igual:

Não chores, meu amor!
Por que? Si és tão lindo...
Que importa a distancia?
Tu és o infinito...
Que importa o frio da indifferença...
Tu és o sol...
Que importa que não saibam!
Que não vejam?
Tu és a vida...

Não chores, meu amor!
Sorri á tua belleza!
Não chores, meu amor...
Filho querido...
Hei de cantar para que durmas...
E sonharás... sonhos azues
No teu berço lindo...
No meu coração...
Meu amor!

Quando acordares,
has de sorrir como a criancinha
que sorri á vida,
ás flores, aos passarinhos...
Como a criancinha que sorri,
sem exigir em troca outro sorriso!
Não chores, meu amor...
Meu filhinho!
Eu te darei um livro,
Maravilhoso,
cheio de figuras
e passarás os dias claros
com aquelle thesouro entre as mãos...
As tardes cinzentas serão luminosas,
as tempestades serão festas,
e a vida te parecerá suave,
linda como um conto de fadas...
Não chores, meu amor...
Por que?
Si és a vida, o sol...
Si és o infinito...

Ella parou de cantar... Nos seus olhos dolorosos, fixos, enormes, brilharam duas lagrimas, que lentamente desceram, molhando-lhe o rosto pallido e descarnado... E balbuciou:

— Que horror!... Elle não dorme... Eu canto sempre, o dia inteiro, a noite inteira... e elle chora sempre, cada vez mais desesperado... Meu filhinho que soffre tanto e nunca adormece! Oh! meu pobre amor... meu filho infeliz... minha criancinha doente... Por que choras tanto?... Por que? Socega...

E novamente recomeçou a toada igual da sua eterna cantilena:

Não chores, meu amor...
Por que?
Si és o infinito...

SUSIE

Notas de Arte

Oscar D'Alva

ALICE DIPLARAKOU — "Venus sahindo da onda é um profundo symbolo, porque é preciso, á belleza mais perfeita, um grão de sal no espirito e tempestades no coração."

Occorreu-nos o bello pensamento de Arsenio Houssay ao ouvirmos, na tarde do ultimo sabbado, a conferencia, em francez, da senhorita Alice Diplarakou sobre a these — *Les fêtes de Delphes*.

A formosa grega, agraciada com o duplo titulo de *Miss Grecia* e de *Miss Europa*, não é apenas um typo de belleza classica, esmaltado com os predicados da belleza moderna, uma Helena do seculo XX, mas é ainda uma alma culta, uma intelligencia de escol, que lhe torna mais linda a belleza physica. Possue tambem "o grão de sal no espirito", a que allude o poeta. Demonstrou-o ao evocar as festas de Delphos, a que assistira, repetidas hoje como se realizavam ha millenios na celebre cidade de Apollo. Era de ver-se a vida intensa que imprimiu á descripção do maravilhoso espectaculo, principalmente á synthese das tragedias de Eschylo — *Promethéu Acorrentado* e *As Supplicantes* — o que fez o auditorio vibrar de grande emoção, interrompendo a conferencista com numerosas e prolongadas palmas. Mas não só a poesia da elocução, a arte de recitar, mostrou-nos, em subido gráo, Alice Diplarakou; revelou tambem altos pensamentos, não muito communs em moças da sua idade e condição, já assignalando o excepcional valor da tragedia grega, unica no genero, pela sua nobre finalidade de depuradora das paixões, de glorificadora da natureza humana, já suggerindo idéa nova no dominio politico-social dos nossos dias: a de se reunir hoje em Delphos a Sociedade das Nações, como dantes se reunia na mesma cidade o Conselho dos Amphyctiões. Pensa a conferencista, e é perfeitamente defensavel e elogiavel o seu pensamento, que a Sociedade das Nações é o Conselho dos Amphyctiões dos tempos modernos. Como era este a camara dos representantes dos differentes povos da Grecia, é aquella a camara dos representantes dos differentes povos da Terra. Nada mais natural e mais de accordo com o espirito historico e internacional, com os laços de continuidade e solidariedade social, do que conservar a mesma séde para as duas associações, considerando-as ambas como unica assembléa em diversos gráos da evolução. Idéa grandiosa a da joven intellectual. Deve ser objecto de meditação dos estadistas, muito embora nos pareça que motivos de outra ordem levariam, se não pratica, theoricamente, a preferir Paris para a séde da moderna amphyctionica. Não esqueçamos que Paris é a capital do mundo. Paris, como dizia Aug. Comte, é a França, é o Occidente, é a Europa, é a Terra...

Verdadeira festa de arte, foi o que nos proporcionou a radiosa embaixatriz da Belleza. O theatro João Caetano teve toda a lotação esgotada, e precisaria havel-a triplice ou quadrupla para conter o publico selecto que ansiava por ouvir e ver a nova musa. E os dois ou tres milhares de ouvintes e espectadores presentes applaudiram-na com fremente enthusiasmo, acabando por acclamal-a *Miss Universo*, tal a impressão produzida pela sua bella figura, toda rythmo e harmonia. O corpo envolto na alvura da tunica, a cabeça ornada de frisos, lembrava uma estatua animada de deusa que reunisse a formosura de Venus á pureza de Vesta.

A divina mensageira, entre palmas e flores, recebeu da nossa intellectualidade eloquente saudação pela palavra erudita e brilhante de Gustavo Barrozo, presidente da Academia Brasileira de Letras.

O QUARTETTO DE LONDRES — Continuando no louvavel empenho de proporcionar ao publico do Rio excellentes audições musicaes, o infatigavel emprezario N. Viggiani contractou o famoso Quartetto de Londres para as Vesperaes de Arte do theatro Lyrico, constituido actualmente dos srs. John Pennington (1.º violino), Thomas Petre (2.º violino), William Primrose (viola) e Warwick Evans (violoncello).

Estreou o famoso conjuncto na tarde de sabbado da semana passada, perante não pequeno auditorio e com o seguinte programma: I) Tchaikowsky — *Quartetto em ré maior, op. 11*; II) Haydn — *Serenata*; Frank Bridge — *Cherry Ripe*; III) Beethoven — *Quartetto em ré menor, op. 59, n. 2.*

Como era de esperar, satisfez a execução aos mais exigentes entre amadores e profissionaes, tal a homogeneidade, a unidade dos instrumentistas. Infelizmente

(Conclue na pag. seguinte).

NOTAS DE ARTE

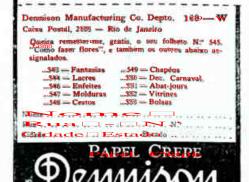
(Conclusão)

te, não nos foi possivel, por causa de outro espectaculo de arte, á mesma hora, ouvir a 1.ª parte, mas sabemos que esteve acima de qualquer elogio. Do que ouvimos, agradou-nos sobretudo a *Serenata* de Haydn, o *Adagio* do *Quartetto* de Beethoven e o tanto mais bello quanto mais ouvido, *Nocturno* de Borodine, tocado como extra, no fim da 2.ª parte.

SARÁO MUSICAL — Em a noite de 6 do corrente, no I. N. M. apresentaram-se, da prof. Lucia Branco Soares, nove alumnas — Aurea Rodrigues, Helena Osorio de Almeida, Maria de Lourdes Canto Menezes, Hylza Machado, Beatriz Portella, Altamira Ribeiro Soamorte, Xadyr Pereira Porto, Jacyra Bandeira Muller e Anna Candida de Moraes Gomide — executando, com mais ou menos perfeição: O *ferreiro harmonioso*, de Haendel (A. R.); *Carnaval* (A. R.) e *Jour de noces* (M. L. C. M.), de Grieg; *Nocturno*, de Paderewski (H. O. A.); *Sevilla*, de Albeniz (H. O. A.); *Preludio*, de Stojowsky (M. L. C. M.); *Fantasia*, de Mendelsshon (H. M.); *Allegro appassionato*, de Saint-Saens (H. M.); *Preludio* (B. P.), *Estudo em mi bemol menor* (J. B. M.), 1.º *Tempo de Sonata em si menor* (A. C. M. G.), de Chopin; *Valsa* (B. P.), *Passée fugitive* (A. R. B.); *Scherzo-Valsa* (J. B. M.), de Moskowski; *Toccata*, de Leschetizky (A. R. B.); 2.ª *Rhapsodia*, de Brahms (X. P. P.); *Estudo de concerto*, de Martucci (X. P. P.); *Estudo em lá menor*, de Paganini-Liszt (A. C. M. G.).

Apreciámos em todas uma qualidade commum — a limpeza, a nitidez de execução, reveladora da sabedoria technica da mestra. Mas divergiam na maior ou menor intensidade com que traduziam o pensamento dos autores e no maior ou menor gráo de individualidades que imprimiam ás interpretações.

Das peças que ouvimos, e foram as tocadas pelas duas ultimas alumnas, agradaram-nos especialmente *Jour de noces*, *Allegro appassionato*, *Toccata* e, acima de tudo, a 2.ª *Rhapsodia*, o *Estudo de concerto*, o 1.º *Tempo da Sonata em si menor* e o *Estudo em lá menor*, executados, os dois primeiros numeros pela srta. Xadyr Pereira Porto, e os dois ultimos pela srta. Anna Candida de Moraes Gomide. Pareceu-nos a primeira executante notavel vocação pianistica, fadada a ser especial interprete das musicas de bravura. A segunda deu-nos a impressão de pianista completa, que apenas precisa de praticar continuamente a arte para ser grande.

E' de louvar-se a professora através das alumnas. E ficariamos ahi se a professora não fosse a virtuose que Bruxellas e Paris applaudiram ha meia duzia de annos, e que esperavamos fosse uma triumphadora na brilhante carreira de concertista; o que nos obriga a juntar ao louvor, o queixume. Lamentamos que, embora respeitaveis motivos o justifiquem, Lucia Branco seja hoje a grande professora em vez de ser a grande concertista. Oxalá possam brevemente estar associados os dois titulos.

Tempo é dinheiro

De ASTAROTH

NINGUEM desconhece a historia das sete pragas do *Egypto*.

No Brasil, eu ainda não encontrei sete, mas tres são bem conhecidas: A politicagem, o "jogo do bicho" e o "papelorio".

Não tratarei da politicagem. Ella é um assumto incompativel com *Fon-Fon*; não falarei tão pouco do "jogo do bicho", indestructivel, unica Phenix verdadeira, espantalho da policia e pesadelo daquelles que se julgam capazes da proeza de fulminál-o.

Tratarei, apenas, (e isso daria para encher volumes) da predilecção fantastica do brasileiro pelo *papelorio*.

Alguns criticos estrangeiros têm dito que o brasileiro é um povo indolente, moroso, molle.

Uns atiram a culpa para os ramos ethnicos de que se fórma a raça brasileira; atiram essa indolencia para cima do indigena e do africano, como sendo elles os culpados pela nossa molleza, falta de dynamismo, etc.

Não acho que seja essa a razão; penso que isso tudo é devido á posição geographica do Brasil.

Seja lá o que fôr, o facto é que nós brasileiros somos um dos povos que menos aproveita o tempo e que menos liga ao seu valor.

"Times is money" é uma phrase ingleza, cheia de verdade, muito conhecida e muito mal comprehendida no Brasil.

O desrespeito pelo tempo precioso de cada um é trivial em todos.

O vendedor de bilhetes de loteria; o caixeiro que está na porta das casas commerciaes *caçando* freguezes; o *mordedor* que nos tolhe o passo para dizer que ainda não jantou; a autoridade policial que muda o itinerario dos bondes e dos autos para deixar livre a avenida nos dias de corso, paradas militares e passeatas, — todos esses que tolhem o passo, alongam as distancias, interceptam o caminho, todos furtam, indevidamente, o tempo daquelles que o querem aproveitar.

O regimen do *papelorio* nas repartições publicas é um verdadeiro sorvedouro de tempo e de dinheiro.

Não ha ninguem, no Rio de Janeiro, que desconheça essa praga terrivel.

Dentro de uma repartição publica o estrago de papel, pennas, lapis e canetas é formidavel.

Muitas vezes, para uma repartição arrecadar uma quantia diminuta qualquer, gasta mais em papel, tinta e tempo, do que o valor a receber.

Outras vezes é o particular quem perde tempo e dinheiro para obter qualquer coisa atôa de uma repartição.

Ha repartições arrecadadoras que criam embaraços fantasticos a quem vae levar-lhe o dinheiro.

Os pagamentos de impostos, multas, sellos, contribuições, são sempre trabalhosissimos para quem os vae pagar e os embaraços são postos no caminho do contribuinte, pela propria repartição que deveria fornecer-lhe todas as facilidades.

E' a repartição empenhada em cobrar, em receber, que põe esses embargos.

Tudo isso por causa da celebre burocracia, rotineira, morosa, verdadeiro anachronismo nos tempos vertiginosos em que vivemos.

Os calhamaços de papel que enchem as mesas dos funccionarios, as toneladas de almasso que enchem os archivos, para gaudio das traças e alegria dos camondongos, representam uma fortuna gasta pelo governo e pelo povo.

O tempo que se perdeu e o que se pérde na confecção dessa papelada, convertido em dinheiro, representaria alguns milhões!

A maneira de providenciar, de agir, sem o papel, sem o carimbo, sem o "visto", sem as multiplas assignaturas, sem o "processo", sem o despacho, parece impossivel nesta terra.

Sei de um estrangeiro que teve necessidade de pagar um imposto e que ficou horrorizado deante dos empecilhos que encontrou para fazêl-o.

No fim, legitimamente admirado, exclamou:

— Imaginemos o que seria si fosse eu a receber!

Nós o sabemos perfeitamente.

Quizemos saber, do estrangeiro, qual era a maneira pela qual elle pagava no seu paiz; elle respondeu:

— Para pagar o imposto sobre rendimentos, eu lanço em um pequeno impresso o meu nome, a minha profissão e residencia. Indico a renda global obtida e dirijo-me a um "guichet", onde entrego a declaração. Um empregado calcula na machina a porcentagem a pagar e passa o impresso para o segundo "guichet". Alli um outro empregado entrega-me um pequeno papel, um talão, onde consta um numero de ordem, a data e a quantia a pagar. Passo ao terceiro "guichet", onde entrego o talão e a quantia. Ahi o empregado recebedor destaca parte do talão que guarda, dando-me a outra parte, na qual um carimbo, contendo a data e a palavra "pago", assignado por elle, representa o recibo.

— E si o contribuinte declarar a quantia da sua renda diminuida? — perguntei eu.

— Descoberta a fraude, o mentiroso será obrigado a uma multa e á cadeia.

Achando a coisa muito facil, eu, que sou brasileiro, chego a pensar que o homem mentiu!

De outra vez vi, na rua, um automovel esbarrar em um combustor de illuminação e deitál-o ao chão. O policial prendeu o "chauffeur".

O passageiro, cidadão inglez, interpellou o policial:

(*Conclúe na pag. 66*).

O sr. Sebastião Baptista de Paula, fazendeiro em Recreio, Estado de Minas, e sua exma. esposa, d. Maria da Cunha Baptista de Paula, entre os quatorze filhos do casal, num grupo tomado no dia em que este commemorou as suas bodas de ouro.

— Eu estou prompto a pagar o prejuizo, contanto que o automovel prosiga já.

— Isso, só na delegacia.

— Mas eu tenho que tomar um vapor que parte agora e, si não chegar a Buenos Aires nesse vapôr, perderei uma grande quantia.

— O sr. terá que ir á delegacia, porque é testemunha do facto.

— Mas o navio partirá dentro de vinte minutos.

— Não tenho nada com isso.

Foi preciso que um cavalheiro mostrasse ao policial o erro em que estava, para que elle deixasse partir, em outro automovel, o homem que perderia alguns contos de reis si não chegasse a Buenos Aires na data marcada.

E, assim, tudo o mais.

O tempo nada vale para nós.

Quando marcamos um encontro para o meio-dia, só estaremos no ponto combinado ás quatro da tarde; quando um chefe de serviço, magnata, ou director nos mandar voltar na segunda-feira, ás onze horas, poderemos, sem sus-

Tempo é dinheiro

(Conclusão)

to, apparecer no sabbado ás tres horas. Com certeza, elle dirá para voltarmos no outro sabbado ás cinco da tarde...

No Brasil, ha uma phrase que todo o mundo emprega: "Tem tempo"; uma outra é largamente conhecida:

"Calma; no Brasil não ha pressa"!

Um amigo nosso, homem viajado e muito observador, contou-nos, uma vez, uma coisa que eu repetirei aqui, a titulo de anecdota, visto como, para nós, chega a parecer impossivel que a noção do valor do tempo possa influir tanto em um povo.

Em uma cidade qualquer da California, o movimento, a actividade, a febre de trabalho é tão intensa, que o estrangeiro que chega fica aturdido, estonteado, abysmado.

O nosso amigo, acostumado aqui, a andar pelas ruas em passo de procissão, ao transitar lá, recebia encontrões a todo o momento e chegava diariamente ao hotel com a impressão de que sahíra de uma luta romana ou de um *ring* de *box*, cheio de pisadellas e encontrões.

— O peor, — disse elle a um norte-americano seu amigo — é que essa gente pisa, encontrôa, mette o cotovello, magôa e não péde perdão, não péde desculpas!

— Oh! Elles não têm tempo para isso! — respondeu o *yankee*.

Nos cinemas da Avenida

Cotações: OPTIMO — MUITO BOM — BOM — SOFFRIVEL — MÃO — E . . . DETESTAVEL

AMOR DE ZINGARO

DA METRO

Cinema PALACIO — O Caucaso, na sua semi-babaria, anda agora na retina do publico carioca. *Amor de Zingaro*, da Metro, é um filme, por isso mesmo sem ambiente original e de argumento banal. Mas por que obteve, então, o successo que todos lhe reconhecem?... Pela sua alta belleza musical e pela excellencia da sua synchronização, e ainda, principalmente, pelo artista insigne que é Lawrence Tibbet, voz maravilhosa de tonalidade e de expressão, que só por si constitue um grande encanto, um sublime prazer. Accrescente-se-lhe a technica do filme, que é valiosa. O trabalho de laboratorio honra os studios da Metro. Por estas razões, se póde considerar esta pellicula uma das melhores que este anno, tão fertil em boas obras, têm apparecido nos *ecrans* do Rio. A direcção de Lionel Barrymore, o grande mestre da tela, conseguiu arrancar belleza dum enredo que não é lá grande cousa.

Cotação — MUITO BOM

A INDOMAVEL

DA METRO

Cinema GLORIA — O argumento é seductor, embora com um desenvolvimento muito repetido em pelliculas anteriores. Em todo o caso, o contraste de ambientes, donde resulta a transformação psychologica dum coração feminino, é de molde a prender o interesse do publico. Este, porem, nem sempre se conforma com situações mais ou menos brutaes, como algumas que apparecem nesta pellicula. Mas como... *tout est bien qui finit bien*, o final consola os emotivos. A direcção deste filme carregou na mão ao destacar este contraste. A parte da interpretação possue trabalho de valor em Joan Crawford, se bem que melhor vae a "estrella" da Metro na primeira situação do que na segunda. A parte technica é que é excellente. Boas scenas para os amadores de box. Finalmente, um filme que, se não é uma maravilha, não deslustra as tradições da Metro.

Cotação — BOM

PERNAS MORENAS

DA WARNER BROS.

Cinema PARISIENSE — Sua excellencia a futilidade, com todos os matadores. Numeros de *cabaret* de musica agradavel, mas não ultrapassando a banalidade. Enredo bastante pobre; interpretação no nivel do resto, sem margem a maiores detaques. Um numeroso grupo de pequenas bonitas, que são, ao que parece, lindas *pernas morenas*. Este titulo realmente não diz nada, ou melhor diz tudo, porque representa o que o filme vale no campo intellectual. Realmente, o espectador sae da sala, ao fim da ultima scena, com a alma mais vasia do que entrou. Póde ser que, no paiz que a produziu, esta pellicula tenha conquistado um successo. Para nós outros, na hora que passa, este genero não vale nada.

Cotação — SOFFRIVEL

A visita do adolescente

EDUARDO soffria muito de amor proprio dolorido. A frequencia com que seu pae troçava de sua bocca involuntariamente aberta, e as palmadas intempestivas com que corrigia a pronunciada curva de suas costas, o desolavam inteiramente. Não fosse a estréa de um par de magnificos sapatos amarellos e uma quasi luminosa gravata de séda, e aquelle dia Eduardo ter-se-ia sentido o mais misero dos mortaes.

Certamente, não eram condições para realizar a felicidade de um rapaz adolescente os sorrisos com que era escutada sua voz de registro cambiante, em cujos agudos pssistiam a notoria novidade das calças compridas e o recente abandono da infancia.

Os livros haviam feito Eduardo sonhar muito, e, sobretudo, haviam accelerado o rythmo romanesco de sua imaginação.

Presentia que a dignidade principal, a realização mesma da vida, era o amor.

Havia tres semanas que as devoções e os actos de Eduardo eram dedicados ao pensamento de Gladys.

Por ella suspirava, havia dominado o terror de saltar dos bondes em movimento, e, apesar das náuseas horriveis que isso lhe causava, se tornára fumante de cigarros loiros, em que via elle um symptoma de elegancia, algo assim como uma vaga aproximação de sua desconhecida pessôa da linha impeccavel dos *gentlemen* das comedias de Wilde.

Aquella tarde seu destino estava justificado: pensava em visitar Gladys. Compunha mentalmente as palavras elegantes, as attitudes exactas com as quaes revelaria seu amor. Quantas vezes havia prefigurado assim, methodicamente, suas acções, e a realidade, inexplicavelmente, mudára o rumo dos factos! Mas, apesar disso, a esperança o commovia, dava-lhe quasi tanta certeza como o brilho de seus bellos sapatos e a rigidez, em outros tempos, de sua gravata de séda, objectos duplamente valiosos, porque haviam sido extrahidos da irreductivel avareza paterna.

Trauteando um fox-trot sentimental, dirigiu-se á residencia de Gladys.

Conhecia a esquina ineffavel que assignalava o quarteirão da casa onde ella morava. Distinguia-a de longe pelo armazem, que aladamente, como que transpeixes entrecruzados pintados na sua fachada, e pela presença, na porta, de seu dono, um magnifico italiano de olympicos bigodes.

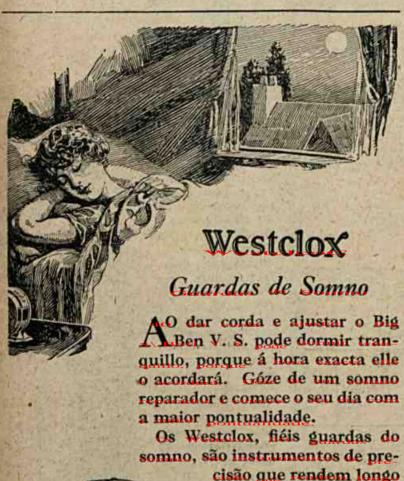
Aquelle dia, Eduardo sentia-se aéreo, palpitante de affectividade inquieta. Lançou aos peixes um olhar digno de um Van Dongen, aspirou voluptuosamente o cheiro que emergia do armazem, e, como que aladamente, como que transportado por um mago, se viu deante da casa de Gladys, commettido o acto que lhe parecia quasi divino de opprimir o botão da campainha da porta da rua.

Uma criada, deusa menor no ritual daquella visita, o conduziu ao jardim, onde Gladys, com gesto displicente, lhe deu um *bôa-tarde* familiar e hospitaleiro.

Com discreta adivinhação feminina, Gladys lhe disse:

— Felicito-te pela gravata. Tens muito gosto.

Eduardo agradeceu.

Continuavam falando. Eduardo não comprehendia por que, quando desejava dizer "um *Quero-te com toda minha alma!* cheio de paixão, lhe sahia uma phrase banal. Longe de assemelhar-se a al-

De Ulysses Petit de Murat

gum dos personagens mundanos de Wilde, hábeis na direcção de uma palestra, capazes da phrase opportuna, brilhante, quasi milagrosa, Eduardo, se achava desarmado deante do sorriso luminoso e da graça imprevista, perturbadora de Gladys. O jogo dos gestos da moça occupava linhas ideaes na atmosphera, quasi a divinizavam.

Falavam naquelle momento de Ricardo Guerra, amigo accidental de Eduardo, havia varios annos. Gladys dizia:

— Foi uma sorte que me houvesses apresentado a Ricardo. Graças a elle, correu bem para mim o baile do Vernon Club. Offereceu-me umas mascottes deliciosas.

Eduardo sentia-se vagamente inquieto á medida que Gladys se enthusiasmava em suas confidencias. Presentia que pouco contava de outra maneira que não fosse como amigo.

Certo, a amizade com Ricardo o havia enchido de orgulho. Porque gostava do modo amistoso como elle o tratava, apesar de ser mais velho, mais homem. Gladys proseguia:

— Si visses... Ricardo é um rapagão sympathico. Encontra themas originaes para sua brilhante conversação.

Eduardo tentou uma interrogação:

— Mas, não te parece, Gladys, que, apesar do que dizes, Ricardo é um rapaz frivolo?

— Ah, não! — replicou-lhe Gladys. — Póde parecel-o por seu genio alegre, inquieto. Mas levei-o ao terreno das conversações sérias, e nelle sabe pisar com passo firme.

Como uma melopéa tristissima ouvia Eduardo os elogios que a joven fazia a seu amigo ausente. Escurecia. O brilho do crepúsculo roçava seus ultimos lampejos sobre a cabeça luminosa de Gladys. O enthusiasmo desta augmentava. Fechando um paragrapho elogioso, Gladys disse:

— Imagina que elle me disse que...

Eduardo interrompeu-a. Sentiu a imminencia de uma confissão insupportavel para elle. Teve um momento de rara lucidez, de profunda penetração do temperamento feminino, e, displicente, frio, mentiu:

— Supponho que não te terá feito uma declaração de amor. Eu sentiria que te apaixonasses por elle, que é noivo, em vesperas de casar.

— Com quem? — perguntou Gladys, com debil inflexão de voz, onde descobria o matiz de um amor proprio maltratado.

Mas sua natureza feminina se brepoz-se, e arguiu:

— Que me importa!

Emquanto que Eduardo, confundido, mentia um nome qualquer.

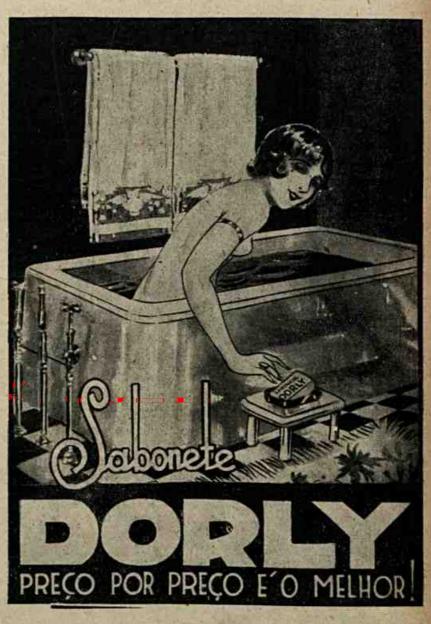
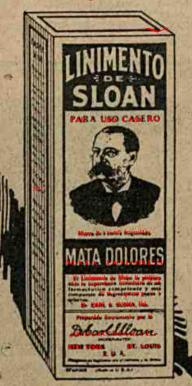
Entraram na casa silenciosamente. A noite cahia. Eduardo fespediu-se machinalmente. Esta va amargamente triste. Desejaria estar longe, esquecido de todos, em regiões que só conhecia através de novellas de aventuras.

Dirigindo telegrammas imaginarios a Gladys, voltava a sua casa:

"Alaska. 19.30. — Ferido de morte em lutas com mineiros. Adoro-te. — *Eduardo.*"

Ou em imaginario *gentleman*:

"Desappareço. Não tentes descobrir meu paradeiro. Deixo-te minha fortuna. Nunca mais me verás. — *Eduardo.*"

Ah! E a tristeza irremediavel do amor. E a amargura do esquecimento que haveria de chegar: prefiguração de outros amores, dessa adolescencia tão desejada, cujo conhecimento agora lhe fazia desejar a volta á infancia, aos ruidosos campos de foot-ball e ás claras imagens dos livros de aventuras...

Investigações...

— Occorreu-lhes já pensar, secretario Jerry, que estamos desoccupados ha bem uns quinze dias, por nada termos que fazer?

— Invencionices!

— Invencionices o que! Temos apenas duas perspectivas: — ou lançarmo-nos ao crime, ou occuparmo-nos de investigações particulares. Morreremos de fome assim como estamos, só se...

Lashings cortou-lhe a phrase:

— Mas é mesmo verdade?

— Vamos a caminho da bancarota, a menos que... só se o Parlamento...

Interrompeu-o o seu joven companheiro:

— Nos deixar roubar...

— No caso de... Mas que nome horrivel — Mugsley!

— Quem é Mugsley? Dá idéa de sons metallicos! No caso de — o que?

— No caso de Mugsley não nos dar occupação... sem duvida. Não leram isto?

E Lashings, deixando tombar o jornal sobre os joelhos, narrou-lhes o facto:

— Um personagem foi roubado e espancado em Paris. Um inglez muito conhecido em Midlands. Tem um nome, na verdade, espantoso! Se eu... De que se tratará afinal?

Jerry lançou uma olhadella para a porta e acrescentou:

— Alguém está a tocar a campainha da porta da frente. E tem pressa; mas, no emtanto, são nove horas apenas.

— Algum chamado — disse Lashings.

— Ou um cliente.

— Talvez seja Mugsley.

— Qual!

— Quer apostar?

— Cem pela aposta.

— Shillings?

— Sim. Entre!

Jerry perdeu. Samuel abriu a porta e annunciou:

— Mr. Mugsley, sir.

Lashing lançou um olhar significativo aos companheiros e ergueu-se para receber o visitante. Entrou um cavalheiro de grande altura, corpulento e offegante. Lashings, para quem, no momento, até cinco libras representavam somma importante, olhou o vigoroso cliente, com cubiça e estupefacção, porque o visitante tinha apenas visiveis algumas pequenas porções do rosto, surgindo entre as ligaduras e os pontos falsos.

— Mr. Lashings?

Lashings inclinou-se e indicou, num gesto convidativo, uma cadeira.

— Deseja o cavalheiro consultar-me profissionalmente?

— Trata-se de uma questão de maxima urgencia. E desde que a conheça, desculpar-me-á tel-o vindo incommodar tão cedo.

— As horas matinaes, Mr. Mugsley, são as melhores para maior clareza dos pensamentos. Acabo de ler

de Courtenay Poelock

---

justamente o que lhe aconteceu de tão desagradavel em Paris. E' para isso que deseja o meu auxilio?

— Vim de Paris, sir, especialmente em busca de suas luzes para o assumpto. Tenho ouvido falar muito a seu respeito, Mr. Lashings, e acredito que seja a pessoa mais competente para tratar do occorrido com probabilidade de exito. Pagarei com liberalidade se fôr bem succedido e.... mas será bem succedido; é necessario que seja bem succedido! Se eu não recobrar aquillo que perdi, ficarei roubado nos esforços de muitos annos de trabalho; pois bem, nem sei dizer a quanto monta a minha perda financeira; nem quero em tal pensar.

* * *

Lashings apanhou uma folha de papel.

—Deixe-me ouvir a sua historia, Mr. Mugsley; depois, então, poderei falar-lhe alguma coisa a respeito. Faça-o o mais rapidamente possivel. Este é o meu auxiliar, Mr. Worthington.

Mr. Mugsley fez um movimento em direcção a Jerry Worthington.

—Sou o inventor da arma offensiva que revolucionará as coisas de guerra.

E, tendo-se visto livre da nova espantosa, Mr. Mugsley respirou largamente. Abraçando os seus ouvintes num unico gesto, para pedir attenção, levantou o grosso indicador enristado e continuou:

—Penso que não exagero dizendo que a minha invenção, nas mãos de outro paiz, lhe dará, comquanto pequeno, uma força maior do que qualquer poder terrestre. Foram os planos desse invento que me roubaram.

— Pode dizer-me a exacta natureza da arma, Mr. Mugsley?

—Sinto não poder fazel-o. Preciso dizer-lhe, tambem, que tenho, na verdade, duplicatas; mas o ponto está em que a minha invenção se tornaria quasi nulla se os ladrões tivessem em sua posse os planos num tempo sufficiente para copial-os. Sahiram de meu poder ha dezenove horas. Roubaram-nos ás duas horas de hontem, e são precisas quarenta e oito horas para serem copiados. Depois de uma hora aborrecida na policia de Paris, deixei-a e apressei-me em vir pedir o seu auxilio.

Mr. Mugsley tirou do bolso um grande lenço. Tinha percorrido distancia sufficiente para os seus póros entrarem em grande actividade; enxugou o suor que corria pela fronte.

—Os planos podem ser photographados em cinco minutos, — lembrou Lashings.

—Sem duvida que é possivel, mas nós temos de lançar mão ás gravuras e aos impressos photographados.

—O senhor foi atacado na rua, comprehendo. Tem algum indicio com que possa identificar o seu assaltante?

—Tenho.

INVESTIGAÇÕES...

(Continuação)

E Mr. Mugsley tirou do bolso um pedaço de papel.

— Apanhei-o no logar onde o homem me atacou. E' o recibo de um volume deixado no armazem de bagagens da "gare" da *Nord Station*. Mas disseram-me que não servia, porque fui roubado dos planos antes de ser atacado. Imagine! Talvez o senhor possa fazer alguma coisa com elle; confesso que, para mim, é um enigma.

"Foi na pequena rua que passa por detraz da Opera. Um homem, bem trajado, passeava a meu lado, á distancia de algumas jardas; de repente, agarrou-me a meio corpo; lutámos, cahimos. Não posso lembrar-me perfeitamente do que fizemos ou quanto tempo durou isto; mas na rua estavamos nós dois, apenas, quando me levantei. Um guarda chegou nesse momento. Era agil; agarrou o patife, e agarrou-o, note bem, antes que pudesse fugir, mas quando o revistou, não encontrou nem sombras de papeis, apesar de não se encontrarem mais commigo, no pequeno bolso sobre o peito, collocado por dentro do sobretudo. O policial não viu o homem atacar-me, e quando eu accusei o aggressor, deante do chefe dos guardas, negou tudo e offereceu-se para ser revistado. Revistaram-no em pura perda. O commandante tomou-me o nome e disse-me que não levava em consideração a queixa, porque os papeis não tinham sido encontrados.

— Como podem ser identificados os planos?

— São duas folhas, marcadas ambas com letras e algarismos grandes: — *C. M. R. P. 14*. São de papel pautado.

Lashings considerou:

— Quantas provas ha, de facto?

— Tres: a que perdi, e que é original; a copia que ainda possuo, e a copia entregue no Ministerio da Guerra.

— Foi, então, acceita pelo Ministerio da Guerra, a sua invenção?

Mugsley abanou a cabeça negativamente:

Foi submettida a estudos.

— Sabe quantas pessoas tinham conhecimento della no Ministerio da Guerra?

— Somente tres: o sub-secretario da Guerra, o director da Aviação e o director geral do Armamento. Penso que lhe posso dizer que se trata de um projectil inflammado para aeroplanos.

Lashings ficou pensativo:

— E é esse o unico indicio que nos dá para encontrar o fio da meada? — perguntou, passados poucos momentos, indicando o recibo.

Mugsley olhou timidamente para o pedaço de papel e fez um signal affirmativo com a cabeça.

O rosto de Lashings illuminou-se:

— Bem, talvez seja prova bastante. Levantou-se.

— Onde poderemos encontral-o?

— Estarei no Belgravia Hotel até ter noticias suas, Mr. Lashings. Fará tudo o que puder por mi? Conseguirá lançar mão aos planos? Apanhará chapas e photographias, no caso de terem sido photographados e...?

Lashings estendeu-lhe a mão:

— Mr. Mugsley, farei tudo que estiver ao meu alcance. Terá noticias minhas dentro de vinte e quatro horas. Bom dia!

* * *

Durante algum tempo, depois da porta se ter fechado sobre o visitante, Lashing ficou calado, fumando, mergulhado em profundos pensamentos.

— Jerry — disse, afinal — vae a Paris. Toma este recibo. Procura examinar a bagagem que lá ficou no armazem e observa as possibilidades do mesmo. Investiga tudo. Corre depois ao aerodromo, toma ahi o primeiro apparelho que encontrares e volta aqui o mais depressa que puderes. Até á vista! Dize a Samuel que voltarei para o "lunch".

Dez minutos mais tarde, Lashings entrava no grande edificio em Whitehall, edificio que parece tão tranquillo, mas que contém os maiores recursos das forças defensivas do Imperio. Tinha poucas esperanças de saber alguma coisa no Ministerio da Guerra, mas obedecia á invariavel regra que adoptara: não abandonar pistas de informações vagas, apesar da improbabilidade de conduzirem a um exito certo.

O porteiro deixou a pequena cabine ao vel-o e comprehendeu, pelo modo por que fôra chamado, que Lashings desejava uma opportunidade para ser introduzido. Era pouco possivel, porém, que o director do Armamento quizesse recebel-o sem aviso prévio, mas o "Cerbero" havia de encontrar um meio de fazel-o chegar ao gabinete, sem duvida... Ficou, por isso, a esperar á entrada do *hall*, observando tudo e todos que passavam pelo grande e largo corredor.

Dez minutos se tinham passado de impertinente espectativa, quando uma voz retumbante declarou:

— E' desagradavel esta espera. Já lhe disse isto, hoje, umas nove vezes.

Lashing voltou o rosto e deu com o porteiro falando a um homem de meia idade, cuja admoestação, calma, mas persistente, provocara réplica.

— Digo-lhe — continuou elle — que se conseguir trocar uma palavra com Mr. Lushing, elle ficará muito satisfeito por ouvir o que lhe tenho a referir.

— Sei muito bem tudo isso; ouço essa mesma historia todas as horas do dia. E' meu dever, porém, deter aqui todos aquelles que não têm audiencia marcada com o director ou com qualquer outra pessoa daqui.

— Mas poderia dizer-lhe que é em seu proprio interesse que eu lhe desejo falar e que me conhece.

— Se não der o cartão ou o nome, tem perdido o seu tempo; ou lança mão de uma destas formulas ou, então, não pode entrar.

O estranho estava desesperado:

— Escute aqui, vá a Mr. Lushing e diga-lhe uma palavra, uma palavra apenas, e elle lhe dirá para conduzir-me até junto de sua pessoa.

O porteiro olhou-o com indecisão.

— E que palavra poderosa é essa?

O homem de meia idade inclinou-se para a frente. Lashings estava sufficientemente interessado no dialogo para deixar de apurar os ouvidos. O homem soprou a palavra á orelha do outro, mas elle apanhou-a.

— Amsterdam.

"Cerbero" acenou a um continuo e enviou-o escadas acima, com uma curta instrucção, e Lashings esperou pelo final da pequena comedia. Quasi immediatamente o continuo voltou e o porteiro convidou o visitante a seguil-o.

— Bem — pensou Lashings — isto é uma innovação nos costumes departamentaes. Talvez "Amsterdam" me seja do mesmo modo util.

* * *

Esperou uma meia hora antes de ver esgotada a paciencia; a espera era maior do que pensara. Chegou alguem vindo da rua, esbarrou-lhe nas costas e resmungou uma desculpa. No mesmo momento, o visitante de meia idade desceu a escada e dirigiu-se ao recem-vindo, dentro do raio occupado pelos ouvidos do impaciente Lashings. As primeiras palavras trocadas fizeram Lashings mudar de opinião e abandonar no momento, a projectada "interview".

— Você? Graças a Deus!

Os homens falavam em surdina, mas Lashings conseguia ouvir bastante para interessar-se pela conversação.

(Continúa no proximo numero).

O que nem todos sabem

Já houve uma partida de xadrez que durou seis annos. Os jogadores eram Mr. Roberson, de Nova York, e Keistone, da Australia. Durante cinco annos os ataques do taboleiro eram conhecidos por meio de cartas. Um anno depois, terminava a partida, por correspondencia, com a victoria do australiano.

* * *

Nas estradas de ferro da India o trafego frequentemente se interrompe pela interposição na via de toda classe de animaes, desde o elephante até os reptis. A linha de Huganda parece ser a favorita dos leões, os quaes muitas vezes fazem o trem parar.

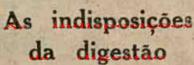
* * *

A industria cinematographica nos Estados Unidos dá occupação a na da menos de duzentos e sete e cinco mil operarios.

*

Tolstoi tinha apenas quinze annos quando concebeu o projecto de reformar a humanidade. Mas quiz, antes, costumar-se a soffrer. E para isso escolheu, entre os seus livros, um volume enorme — um diccionario — e procurou sustental-o durante cinco minutos com o braço extendido. No dia seguinte, se despiu da cintura para cima e começou a torturar o corpo, com o mesmo fim.

*

Para renovar o ar de uma habitação que permanece longo tempo fechada, o melhor processo é pôr um pouco de café moido dentro de uma vasilha com um pedaço de canfora ao centro. Em seguida, toca-se fogo na canfora, deixando-a consumir-se. Com isso se consegue uma perfeita purificação do ambiente.

serão de curta duração se V. S. tomar Magnesia Bisurada depois das refeições ou logo que a dôr se faça sentir. Quasi todo o mal-estar digestivo é a consequencia dum suco gastrico demasiado acido que provoca as azias, azedume, pesadume, dilatações e indigestões. A Magnesia Bisurada neutralisa a acidez, evita assim a fermentação dos alimentos não digeridos, e protege as paredes delicadas do estomago contra toda a irritação. A Magnesia Bisurada, inoffensiva e facil de tomar, acha-se á venda em todas as pharmacias.

UNHAS ARISTOCRATICAS

Pelas unhas se conhecem as pessoas de fino tratamento.

O Esmalte Satan é o preferido pelas mulheres chics. E' empregado e recommendado pelas manicuras e principaes Institutos de Belleza de Nova York, Paris, Buenos Aires, S. Paulo e Rio. Vantagens do Esmalte Satan:

1.° Secca instantaneamente.

2.° Não mancha nem racha as unhas.

3.° Resiste á lavagem, mesmo com agua quente.

4.° Fortifica as unhas, evitando que se tornem quebradiças.

5.° E' absolutamente inoffensivo, podendo ser usado por tempo indeterminado.

6.° Dá um brilho e colorido inigualaveis, que duram por 20 dias.

Peçam Esmalte Satan, nas principaes Perfumarias, Drogarias e Pharmacias.

Nota importante: Devolveremos o dinheiro a quem não ficar plenamente satisfeito.

Alvim & Freitas — Caixa Postal 1379 — São Paulo

PREÇO 4$000

QUEM TIVER O SANGUE IMPURO

obterá resultados positivos se recorrer ao notavel depurativo-tonico

LUESOL

DE SOUZA SOARES

pois sua acção é certa, garantida, não falha nunca!! E tão seguros estamos disto que nos propomos a devolver o dinheiro a quem provar o contrario. O LUESOL é um medicamento garantido e de reputação firmada.

A' VENDA NAS DROGARIAS E PHARMACIAS

TINTAS PARA IMPRESSÃO AS MELHORES

DEPOSITARIOS EXCLUSIVOS PARA TODO O BRASIL

CAPPUCCINI & C.

RUA DA ALFANDEGA, 172 - Rio de Janeiro - Tel. 3 9347

"FON-FON" é sempre impresso com as TINTAS HUBER

Depréssa! Depréssa!

MENTHOLATUM

Calmante ideal para queimaduras, feridas, mordida de insectos, resfriados, etc. Antiséptico e curativo.

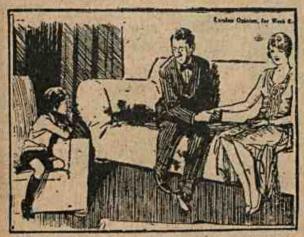
O fogo deve ser com agua apagado, Nas Queimaduras BOROSTYROL é o remedio indicado!

AGUA DO REGIMEN DOS ARTHRITICOS

GOTTOSOS - RHEUMATICOS - DIABETICOS

A's refeições

VICHY CÉLESTINS

ELIMINA O ACIDO URICO

O noivo. — Carlinhos, por que não vaes ao cinema com os dois mil réis que te dei?

O garoto. — Porque me são mais barato, e é mais divertido aprecial-os.

— Eu como aqui, porque tenho uma mulher que sabe cozinhar, mas não quer.

— Pois eu venho comer aqui, porque a minha não sabe, mas quer...

— Para que anda com essa gaiola?

— Para guardar o chapéo. Assim o vento não mo carrega...

— O amigo poderia fazer uma táboa de logarithmos para o meu garoto?

— Rústica ou envernizada?

O vendedor. — Veja, senhora, que bella côr, que lindeza!...

A freguezo. — Effectivamente. Poder-se-ia, até, dizer que o animalzinho sente vergonha pelo preço que o senhor pede...

O Crucifixo do velho Fortunato

POR DANTE ALVES BARBOSA

CEARA'. Terra das lendas. Terra de Iracema...

Eu já estive no Ceará. Já vi os verdes mares que Alencar pintou com tanta poesia. Tinha razão o celebre escriptor. E' tão lindo o Ceará!

Foi daquella deliciosa terra que eu trouxe esta historia. Um velho sertanejo m'a contou com a simplicidade que tem toda a bondosa gente daquelle logar.

— Inhô sim, seu moço — disse o sertanejo — o véio Frutunato da Silvêra tem no peito, gravado a fogo, a image de Nosso Sinhô Jezuz Christo.

E, como notasse o interesse que eu havia tomado pela historia que começava a narrar-me, o velho, de cocoras, picando o fumo com a quicé para reencher o cachimbo, continuou:

— A dez legua do Assaré viviu, numa paioça, o véio Frutunato. Home trabaiadô e honesto, muito estimado. O bruto trabaio do véio fazia neá mais não o seu coração de temente a Deus. Não tinha um domingo qui déxasse di i a missa, nem uma arvorada qui ficasse sem o padre-nosso rezado cum fé pelo véinho.

"Quando era ainda rapazinho novo, ganhô do seu padrinho delle um crucifiço. Era o seu tizóro. Não havia nada qui levasse elle se disfazê daquelle brinco. Ali, naquelle santo imbrema, é qui tava toda a ventura do véio lenhadô. E, purisso, o crucifiço só déxava de se imbalançá naquelle peito de cabóco pra recebê, quagi sempri, os bêjo qui, elle Frutunato, lhe dava.

"Uma vez, uma damnosa duma tempestade, dessas tempestade qui a gente vê no Norte e qui vem sempre atraz duma secca, não quiria dèxá Frutunato trabaiá. Mas porém o home, teimoso cuma todos os diabos, não hôvia os conselho de sua véia delle e teimô:

"— Ora, Filorenga, inquanto hôvê Nosso Sinhô no Céu e esta abenção no meu peito, eu posso trabaiá cum a graça de Deus. I já ia sahindo. Mas, porém, seu moço, mar ia butano o pé no batente da porta di seu casebre delle, um ixcummungado (Deus me perdôe!) dum relampo crareô o terrêro i o pobre do véio sahiu cuma si tivesse sido furminado.

"Foi uma choradêra, seu moço!

"Elle era tão bãosinho!

"Mas o home não morreu, inhô não. Ele só ficô foi cum farta de sintido.

"O premêro coidado de Frutunato, logo qui abriu os óio, foi bêjar, cuma quem dava graças a Deus, o crucifiço. Mas, óle, era o lugâ mais limpo. O corisco tinha levado.

"Frutunato inté chorô!

"Mas porém, cuma era home de carma, foi vê qui tinha ficado sem a lembrança do padrinho delle, mas ali no peito, perto do coração, tinha ficado, gravado a fogo, o retrato do crucifiço.

"E ha gente qui ainda faz pôco caso do pudê de Deus!" — terminou o sertanejo, benzendo-se.

Versos

A magua de um ceguinho

Penando de saudades, no degredo,
Sem o vosso carinho, que é meu pão,
Ora ao sol, ora á sombra do arvoredo,
Como um cego, amparado ao meu bordão,

Vivo a chorar, que tudo é escuro e tredo.
Quando meus olhos vos contemplarão,
Neste triste romance, cujo enredo
Agora já não tem vosso clarão?

Estrella que fugistes, peregrina,
A que mundo encantado vos destina
O bom Jesús, que me deixou a sós?

Vinde, que a treva immensa me tortura!...
— Rio de luzes! resurgi na Altura!
— Flor humana! embalae-me em vossa voz!

BENEDICTO CESAR

Resurreição

Vêl-a sorrindo, sempre commovido,
Tem sido, agora, minha occupação.
E nesse enlevo passo distrahido,
Julgando-a minha, tal a distracção.

O meu sonho de amor appetecido
Não terá, nunca mais, consummação.
Delle restam palavras sem sentido
E o calor de seu beijo em minha mão.

Ficou tambem pungindo uma saudade
E, com ella, um perfume e uma chiméra,
Para consolo desta desventura.

Mas has de resurgir, felicidade,
Trazendo aquella que minh'alma espera,
Espera e anseia por sabel-a pura.

HORACIO MENDES

Os versos que eu te fiz

Procura nos meus versos com cuidado
— os versos que compuz pensando em ti —
e nelles acharás, bem estampado,
o sonho que me fez tão inspirado
desde a primeira vez em que te vi.

Em minhas rimas, como em farta seara,
poderás respigar aqui e alli...
— Loiro trigal duma illusão tão cára
que, lavrador do Affecto, eu cultivara
desde a primeira vez em que te vi.

Na harmonia gracil dos meus descantes
se espraiza a suavidade que aprendi;
a ler nos teus olhares rutilantes,
e vive essa emoção que eu não tinha antes
daquella vez primeira em que te vi.

Por isso, ó bella! Põe o teu cuidado
nos pobres versos que rimei por ti;
elles têm algo desse Eden dourado
que eu entrevi, que eu sonho deslumbrado
desde a primeira vez em que te vi!

HYLARIO CORRÊA